

REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Artes e Lettras

Summario :

O BARÃO DO RIO BRANCO

Eduardo Prado

JEUNESSE PENSIVE

Marc Legrand

A QUINZENA POLITICA

M. Botelho

A FLORESTA NEGRA

M. Botelho

OS ELEPHANTES NO SIÃO

X.

HISTORIA COMICA

NOTICIARIO ILLUSTRADO

SPORT

A ILLUSTRE CAZA DE RAMIRES

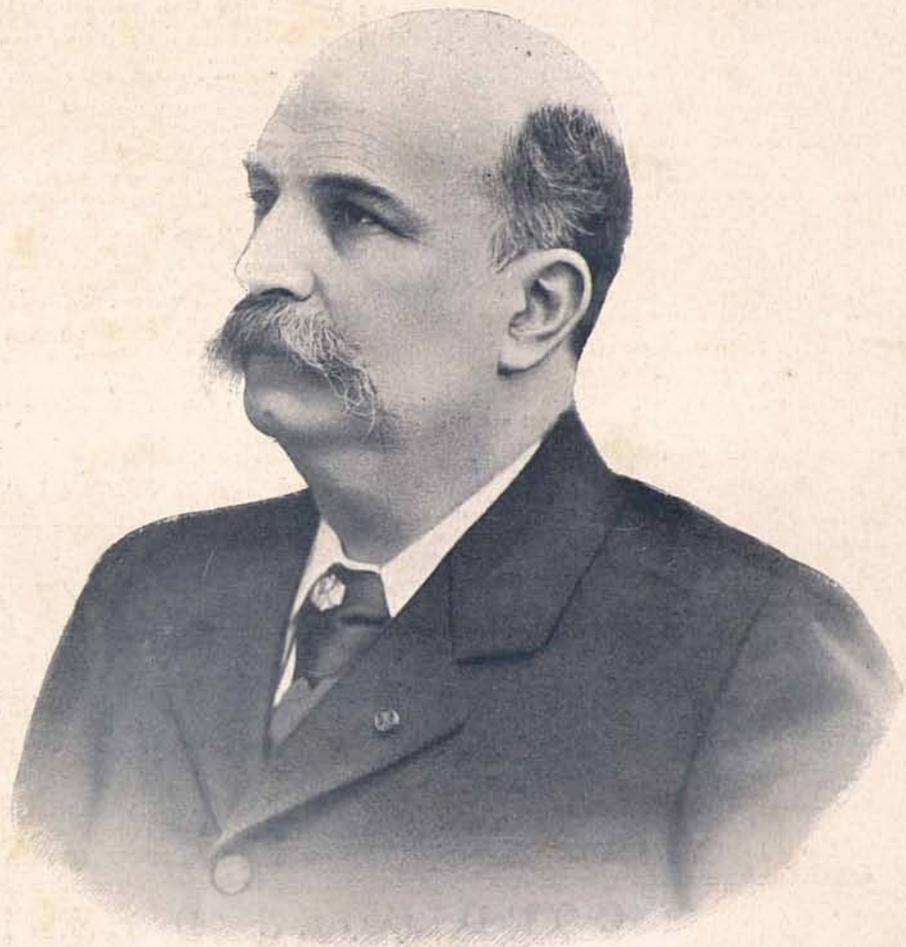
EÇA DE QUEIROZ

Este numero contem um HORS TEXTE

retrato do BARÃO DO RIO BRANCO

E O

SUPPLEMENTO DE MODAS



Rio Branco

MAPLE e CIA

Tottenham Court Road
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - LONDRES



MAPLE e CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

LISTA dos principaes Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America
mobiiliadas pela casa MAPLE e Cia.

- Élysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris
- Turf Club, Lisbonne
- The Grand Hotel, Trafalgar Square
- » Hotel Métropole, Monte-Carlo
- » Hotel Métropole, Cannes
- » Cavalry Club, Piccadilly
- » New Traveller's Club, Piccadilly
- » Imperial Hotel, Bournemouth
- » Knowle Hotel, Sidmouth
- » Prince of Wales Hotel, Holyhead
- » St. Stephen's Club, Westminster
- » Junior Constitutional Club, Piccadilly
- » Great Northern Hotel, King's Cross
- » Euston and Victoria Hotels, Euston Square
- » Turf Club, Piccadilly
- » Brighton New Club, Brighton
- » Stirling County Club, Stirling
- » Racquet Club, Liverpool
- » Cliftonville Hotel, Margate (part refurnishing)
- » Royal Forest Hotel, Chingford
- » Buckingham Palace Hotel, S. W. (new wing)
- » Volksraad, Pretoria
- » Royal Hotel, South Shields
- » Royal Holloway College, Virginia Water
- » Hotel Cap Martin, Mentone
- » Riviera Palace Hotel, Cimiez
- » Bosphorus Summer Palace Hotel and Club, Therapia
- » British Club, Paris

- The Kimberley Club, Kimberley
- » Hotel Burlington, Sunny Boscombe
- » First Avenue Hotel, Holborn
- » Constitutional Club, Northumberland Avenue
- » Government House, Simla
- » Burlington Hotel, Old Burlington Street
- » Hotel Victoria, Northumberland Avenue
- » Royal Station Hotel, Hull (for North Eastern Railway)
- » Great Eastern Hotel, Parkstone
- » Grand Hotel, Brighton (new bedroom wings)
- » Liverpool Club, Liverpool
- » Victoria Club, Jersey
- » West Cumberland Club, Whitehaven
- » Maivern House Hydropathic Establishment, Buxton
- » Charing Cross Hotel, new wing (50 bedrooms)
- » Jockey Club, Newmarket
- » Devonshire Park Pavilion, Eastbourne
- » Crewe Hotel, Crewe, for L. & N. W. Ry. Co.
- » Devonshire Park Theatre, Eastbourne
- » Limmer's Hotel, Hanover Square
- » The Pump House Hotel, Llandrindod Wells
- » Sackville Hotel, Bexhill-on-Sea
- » Plough Hotel, Northampton
- » Grand Hotel, Peterborough
- » Grand Atlantic Hotel, Weston-Super-Mare
- » Grand Hotel, Jersey
- » Grand Hotel, Lawestoft
- » Esplanade Hotel, Seaford

- The Coburg Hotel, Grosvenor Square
- » Hotel Métropole, London
- » Hotel Métropole, Brighton
- » Great Eastern Hotel, Liverpool Street
- » Savoy Hotel, Victoria Embankment
- » Le Cercle d'Orient, Pera
- » Le Cercle, Smyrna
- » Le Cercle Khedival, Alexandria
- » Le Cercle Bilbao, Spain
- » Le Cercle de Résidentes Étrangères, Rosario
- » The Hellenic Club, Smyrna
- » Hotel St. George, Mustapha Superior
- » Station Hotel, York (for North Eastern Railway Company)
- » Queen's Hotel, Birmingham
- » County Hotel, Newcastle
- » Grand Hotel, Northampton
- » Burlington Hotel, Eastbourne
- » Park Hotel, Preston
- » Hotel Carol 1^{ra}, Kustendjje, Roumania
- » Senate House, Buenos Ayres
- » Central Station Hotel, Glasgow
- » Royal London Yacht Club, Cowes
- » Royal Spithead Hotel, Isle of Wight
- » L. & N. W. Railway Hotel, North Wall Dublin
- » Avenida Palace Hotel, Lisbon.
- » Eatsbourne Hydropathic Establishment, Eastbourne
- » Buxton Hydropathic Establishment, Buxton

Vêr o annuncio na quarta pagina capa, lado exterior

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOYELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal.

Um anno. 50\$000
 6 mezes. 30\$000
 Numero avulso. 2\$500

Um anno 40 francos
 6 mezes 24 »
 Numero avulso. 2 »

Um anno 10\$000
 6 mezes 5\$500
 Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEQUINTES CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT e Cia, Rua do Ouvidor.
 São Paulo CASA GARRAUX, Rua de 15 Novembro.
 Pernambuco. LAEMMERT e Cia, Rua Marquez de Olinda.
 Pará LIVRARIA COMMERCIAL, Rua João Alfredo.

Pelotas CARLOS PINTO e Cia.
 Santos. WEINMANN ET Cia.
 Campinas. LIVRARIA ESCOLAR.
 Ceará ALFREDO GENOUX.
 JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.

UNICA AGENCIA EM PORTUGAL : Livraria Pereira, 50-51, Rua Augusta, Lisboa
 PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde et Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens
 LONDRES : Arsenio Pinto Leite e Cia, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS



PHOT. NADAR

Typ. LAURE

BARÃO DO RIO BRANCO

O BARÃO DO RIO-BRANCO

Os escriptores que tractam das superioridades politicas da Inglaterra mencionam, como sendo das principaes, a existencia de uma classe de homens que hereditariamente transmitem uns aos outros uma continuada tradição e uma apropriada educação na arte da politica e n'aquillo que se póde chamar a Sciencia do Estado.

No barão do Rio-Branco encontra-se essa rara superioridade: a de ser, por herança e por educação, um homem votado, exclusivamente, ás cousas da Patria. Por esse lado, o barão do Rio-Branco, vivendo n'uma epoca em que em toda a parte, o interesse colectivo e nacional parece diminuir cada dia mais deante das paixões e das commodidades de cada um, constitue uma individualidade fóra do seu tempo.

Não tivesse elle um coração organicamente bom e tolerante e não fosse a differença dos tempos, a sua bella figura onde a Natureza traçou linhas correctas e solemnes, como que destinadas a se perpetuarem no cunho das medalhas, e veriamos n'elle uma reproducção d'aquelles magnificos senadores venezianos que

os Palma e os Veronesos nos deixaram pintados e nos quaes o typo do individuo, tornado superior, quasi impessoal, parece viver animado apenas por um ideal de magestade, resumido na alevantada aspiração: agrandezza do Estado.

Na vida moderna, toda de individualismo, organizações destas não se acham bem. E muito menos podem ter uma expansão efficaz nas chamadas democracias sul-americanas. O guerreiro não tem alli com quem guerrear, e, não tendo occasião de vencer, desapprende essa arte, e nem sempre consegue vencer a si mesmo, antepoando o bem da Patria á vantagem da sua classe. Dentro da politica tambem não cabem esses homens de ideal. Excepcionalmente, póde um Visconde do Rio-Branco fazer grandes cousas, quando ha realmente grandes cousas por fazer. O homem superior por todos os titulos, o primeiro Rio-Branco, teve por destino consummar o plano que o Brazil será sempre for-

çado a seguir, sob pena de um suicidio mais ou menos rapido: a hegemonia brasileira em toda a vertente atlantica do continente sul-americano. As intervenções no Rio da Prata e a guerra do Paraguay foram apenas phases do desenvolvimento desse plano. Foi então que se vio esse diplomata do Imperio, vencido o Paraguay, receber o singular e pesado encargo de conservar a existencia politica d'aquelle paiz, indispensavel para a segurança do Brazil, de formar um governo provisorio paraguayo e de crear, elle, estadista de

uma monarchia, toda a machina de um governo republicano. Não se vio outr'ora a Republica Romana regulando a successão dos reis nos thronos seus alliados ou vassallos? Que grandiosa affirmação não foi essa obra da existencia da nação brasileira, personificada na força do Estado prestigiado e obedecido além das suas fronteiras?! Outra occasião de energia e de gloria teve o Visconde do Rio-Branco vencendo, á força de eloquencia, os sustentadores da escravidão.

Nas duas empresas o filho secundou o pae. Terminado, porém, esse periodo heroico, a figura do velho fundio-se na au-



reola da gloria e da morte, e o moço, renunciando ás ambições da politica e ás agitações do jornalismo em que estréara — elle que recebera como herança a onerosa responsabilidade de um grande nome — preferio a obscuridade de um consulado-geral em posto cujo expediente simples lhe deixasse tempo para melhor servir á sua patria pela Sciencia.

Foi para se poder isolar inteiramente nos estudos que já eram os da sua predilecção desde o Collegio D. Pedro II e a Faculdade de Direito de São Paulo que elle desejou essa posição modesta na Europa, onde, com tanto proveito para a patria, estudaram e trabalharam antes d'elle os Andradas, Varnhagen, Magalhães, Porto Alegre, Odorico Mendes e outros Brasileiros illustres.

O fim de sua vida, fim que não conseguiu sem longos annos de um sacrificio aturado e ignorado, foi conhecer o Brazil, no seu solo, nos seus productos, no seu céu, nas suas raças, na sua vida no pas-



O barão do Rio-Branco.

Aos 18 annos de idade, em 1863, estudante do segundo anno de Direito, em São Paulo.

sado, nas condições da sua existencia no presente e na sua capacidade de crescimento e de grandeza no futuro. A erudição que conseguiu ter a respeito do Brazil é por assim dizer salomonica. O rei de Judá conhecia, segundo a Biblia, desde o hysospe ou musgo apegado ás pedras das muralhas até ao cedro do Libano, desde o insecto que se esconde na relva até ao leviathan dos mares. O que o barão do Rio-Branco sabe do Brazil é uma cousa vertiginosa. É capaz de escrever, sem esquecer uma minucia, como eram feitas as náos de Pedro Alvares Cabral, de que tecido vinham vestidos os seus marinheiros e os nomes das plantas mais vulgares na praia de Porto Seguro, onde ancoraram aquellas náos. Lêo tudo quanto ha impresso, copiou ou fez copiar todos os manuscriptos, fez delles extractos, distribuiu estes extractos, em fórma de notas, pelas paginas de todos os livros que tractam do Brazil; rectificou, esclareceu, corrigio, explicou, emendou e ampliou todos esses livros; e, com o mundo das suas notas poderá elle um dia publicar uma historia e uma descrição geral do Brazil, que será um monumento.

Conta-se que o velho Moltke dormia profundamente, quando um dos seus ajudantes de ordens entrou uma noite no quarto com o telegrapha annunciando a guerra com a França, acordou-o e lêo a grande noticia. Moltke disse socegradamente: — Veja na secretária a segunda gaveta á esquerda; — e voltou-se para a parede para continuar o seu somno. Na tal segunda gaveta á esquerda estava, com todas as explicações e todas as minucias, tudo quanto dizia respeito á mobilisação das forças allemans no caso de uma guerra com a França.

Sobre qualquer assumpto brasileiro o barão do Rio-Branco tem sempre, n'alguma gaveta, a ultima palavra. Uma vez, obrigado por uma promessa, e instado, escreveu em quinze dias a admiravel *Esquisse de l'Histoire du Brésil* que só os conhecedores da nossa Historia podem apreciar devidamente. N'aquelle prodigio de condensação, que na imprensa mereceu os justos louvores de Capistrano de Abreu, Ruy Barbosa e outros homens competentes, ha dezenas de pontos duvidosos esclarecidos, ha problemas resolvidos, ha indicações novas feitas, ha fontes inéditas citadas, ha, emfim, o arcabouço e a trama primeira de uma larga Historia.

A mesma erudição e o mesmo poder de synthese encontramos na collaboração do barão do Rio-Branco na vasta publicação franceza ora em via de chegar ao seu termo, a *Grande Encyclopédie*. As publicações deste genero são de uma

deficiencia deploravel quando tractam do Brazil. A *Grande Encyclopédie*, porém, no artigo *Brésil* esgotou, por assim dizer, o assumpto e tudo quanto de essencial era sabido d'aquelle paiz em 1889 ficou ali consignado. A benefica influencia d'aquelle trabalho importantissimo já se faz sentir. Todos os auctores estrangeiros que, depois d'aquella data, têm tractado do Brazil recorreram necessariamente áquelle repositório precioso de informações, e a quantidade de erros palmares e de ridiculas inexactidões sobre o Brazil, que n'outro tempo vinham nos manuaes de geographia e artigos de dictionarios, desappareceram nas novas publicações. A admiravel parte do vol. XIX da *Géographie Universelle* de Elisée Reclus que tracta do Brazil é um trabalho de vasta comprehensão das cousas, de muita philosophia e de valor inestimavel pelo seu methodo e pela sua variedade de informações, mas esse mesmo trabalho foi largamente facilitado pelos labores do barão do Rio-Branco na *Grande Encyclopédie*. O illustre Brasileiro é, elle proprio, de ha muitos annos, uma encyclopedia viva a respeito do Brazil e especialmente da sua historia e da sua geographia. Como tal é conhecido no mundo dos eruditos e, de toda a parte da Europa, chegam-lhe continuamente consultas e pedidos de informações. A resposta é, muitas vezes, a remessa, pela volta do correio, de uma verdadeira monographia sobre o objecto da consulta.

Quando em 1893 o Governo Brasileiro o encarregou de ir a Washington, na qualidade de ministro em missão especial, defender perante o Arbitro Presidente Cleveland, os direitos do Brazil ao territorio de Palmas, impropriamente chamado de Missões e contestado pela Republica Argentina, o barão do Rio-Branco tirou da sua estante algu-

Quando em 1893 o Governo Brasileiro o encarregou de ir a Washington, na qualidade de ministro em missão especial, defender perante o Arbitro Presidente Cleveland, os direitos do Brazil ao territorio de Palmas, impropriamente chamado de Missões e contestado pela Republica Argentina, o barão do Rio-Branco tirou da sua estante algu-



Villa Molitor (Auteuil.)
Rua Molitor, nº 1.
Morada do barão do Rio-Branco.



O BARAO DO RIO BRANCO NA SUA SALA DE TRABALHO



Jardim da casa do barão do Rio-Branco.

mas das suas famosas pastas de documentos accumulados e annotados de ha longos annos e os mappas, as memorias comparadas começaram a surgir. Os documentos que não possuia elle sabia com exactidão onde estavam e foram promptamente copiados nos archivos e nas bibliothecas. Com elles e sobre elles poude escrever a sua *Memoria*, que é um modelo no seu genero. É cousa difficilima o redigir trabalhos destes. A primeira difficuldade, é aproveitar todos os documentos, fazel-os valer na ordem da sua importancia, n'uma exposição em que todo o artificio de estylo deve ser sacrificado ao methodo e á clareza da argumentação. A historia da geographia é das cousas mais arduas de serem escriptas. É preciso ter a arte e a sciencia de um Humboldt para tornar interessante um assumpto desta ordem como elle fez no celebre *Examen Critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Monde*, modelo, que nunca será excedido, deste genero arduo e ingrato. A *Memoria* do barão do Rio-Branco constitue alguns capitulos da parte menos conhecida da Historia da Geographia sul-americana, escriptos em seis volumes acompanhados da producção de roteiros antigos, de cartas e de mappas, e da analyse

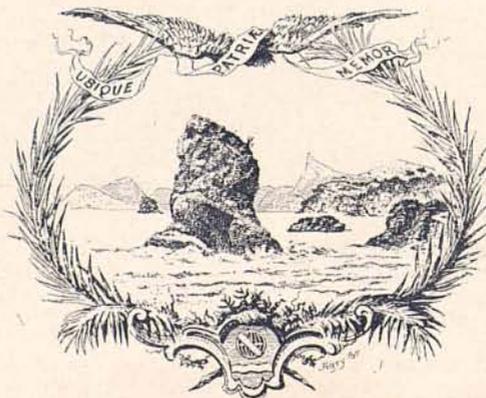
minuciosa dos tratados e das narrativas dos exploradores, e tudo isto para identificar as nascentes, o curso, a foz e os nomes de dous obscuros rios do systema hydrographico platino!

A importancia da identificação destes rios era capital para o Brazil, e, se prevalecesse a theoria argentina sobre a materia, perderia elle um grande territorio, e ficaria comprometida a sua segurança, pois os argentinos teriam uma porta sempre aberta para o centro do Brazil, caso ficassem senhores do territorio de Palmas. Á demonstração clara, lucida, e exauriente que o barão do Rio-Branco fez dos nossos direitos, á sagacidade do seu exame dos documentos deve o Brazil o ter ganho a sua causa perante o Arbitro. Ora, não é com estudos de occasião, feitos para occorrer a necessidades momentaneas, que um homem pôde produzir trabalhos da importancia d'aquelle que tão util foi para o Brazil e tão lisongeiro para os seus fóros de paiz civilisado. Aquella esplendida *Memoria*, verdadeiro monumento historico e geographico faz a maior honra ao seo autor, e a opinião publica brasileira bem comprehendeu tudo isto quando, em unanimidade, hoje bem rara, aclamou o nome do barão do Rio-Branco, nome que, fóra e acima das luctas da politica, é hoje um symbolo respeitado de saber, de honra e de patriotismo indiscutíveis e indiscutidos.

Na modesta casa em que vive no seu retiro de Auteuil, o pittoresco suburbio que ainda hoje prestigiam as sombras de Molière, do meigo La Fontaine e dos Goncourt, na sua immensa bibliotheca, no meio da desordem, apenas apparente, dos seus documentos e dos seus mappas, poucas são, das vinte e quatro horas do dia as que o barão do Rio-Branco não consagra ás suas pesquisas e ás suas leituras.

Em todos esses trabalhos é guiado por um grande espirito de verdade e de rigor de observação. As mais arduas verificações de factos desenterrados das chronicas obscuras e da confusão dos documentos, a rectificação mais longa dos calculos astronomicos, tudo isto seria uma tarefa pouco interessante, se não fosse presidida pelo sentimento. No barão do Rio-Branco, porém, ha o sentimento que vivifica e nobilita. Não é o orgulho de uma erudição esteril; é o desejo de servir á sua terra. A maior prova de amor que se pôde dar ás pessoas é nunca as esquecer. E elle nunca esquece a sua patria. A sua divisa é : *Ubique patria memor!*

EDUARDO PRADO.



Jeunesse pensive

POUR HENRI BOUILLON

*Ferme, ferme tes bras sur ta vierge poitrine,
Tes souples bras, chaste guirlande de printemps,
Jeune fille, et de peur de la brise marine,
Reliens d'un cercle d'or tes blonds cheveux flottants.*

*Es-tu née autrefois dans un dème d'Attique ?
Connais-tu la cigale au tronc des oliviers ?
Rêves-tu d'un éphèbe à la blanche tunique
Qui pour lancer le disque est de tous envié ?*

*Ou sur les bords de France, innocente pastoure,
Baignée au clair ruisseau, sous de simples habits,
As-tu, dans le vallon dont la fraîcheur l'entoure,
Vu passer le chasseur qui troubla tes brebis ?*

*Douce enfant, si ton voile à tes côtés palpite,
Est-ce l'aile du vent ou l'aile de l'amour ?
Ferme, ferme tes bras ! Il tombera trop vite,
Ce voile qui te cache à la pudeur du jour.*

*L'aurore brille encore sur ta tête inclinée :
Ses pleurs sont sous tes pas. Ton col est pur et rond.
Ah ! bientôt le midi torride des années
Desséchera ta route et brunira ton front.*

*Ferme, ferme tes bras sur ton cœur qui s'ignore,
Toi qui d'un œil rêveur que rien n'a pu ternir,
Comme une onde, la nuit, sous une arche sonore,
Vois monter lentement l'invisible avenir !*

Décembre 1897.

MARC LEGRAND

A QUINZENA POLITICA



QUANTO que a politica franceza rejuvilava-se com a viagem do Sr. Lebon ao Senegal, verdadeira *africa* feita por um ministro da republica em colonias africanas, outros factos de politica interior agitavam Pariz e com elle, toda a França. A condemnação do capitão Dreyfus, ha tres annos, por crime de alta traição por um tribunal militar secreto; a execução da terrivel sentença que para sempre abateu a vida d'esse official inflingindo-lhe a mais degradante das humilhações junto a mais cruel das torturas, não conseguio levar a totalidade dos espiritos a convicção do crime que lhe imputavam e que foi unanimemente partilhada por todos os seus juizes.

Actualmente renasce uma terrivel campanha defendendo a innocencia d'esse militar e á frente d'ella se acha um grande politico um brilhante e notavel escriptor e alguns dos mais cotados orgãos da imprensa pariziense. É assim que n'esta ultima quinzena a França esqueceu-se de fazer politica exterior consagrando-se toda a esse sensacional debate que tanto tem agitado a opinião publica pelas suas revelações surprehendedoras. A ultima palavra foi de novo dada a um tribunal militar que a bem da tranquillidade das consciencias não mais desejará certamente, discutir e decidir essa delicada questão em conselho secreto.

A applicação das grandes reformas que a Hespanha acaba de conceder ás suas colonias tem sido discutida e explorada pelos partidos politicos em opposição ao governo do Sr. Sagasta. A chegada do general Weyler que acabava de deixar o governo das Antilhas foi a occasião escolhida para as manifestações dos descontentes que a titulo de festejar o regresso de um chefe militar organizavam toda a sorte de protestos contra as concessões feitas pela metropole. A autonomia das alfandegas que faz parte das reformas decretadas em favor das colonias é energicamente combatida pelos partidos conservador, republicano e carlista, tendo a Catalunha e outras provincias da Hespanha reclamado a applicação de eguaes medidas em beneficio das suas industrias e commercio. O partido carlista especialmente, que desde a morte de Canovas, agita o espantallo de uma revolução ou antes, de uma guerra civil, tem desenvolvido nestas ultimas semanas, todo um afan de preparo e de mobilisação. Enviados notaveis partiram para Londres e Veneza; os primeiros, incumbidos de levantar um emprestimo e os segundos de confe-

renciarem com o chefe e rei recebendo as suas ultimas ordens e caso fosse necessario acompanhariam o real pretendente que viria em pessoa commandar as suas tropas. D. Carlos contentou-se em expedir para as fronteiras da Hespanha o seu filho D. Jayme de Bourbon, principe valoroso e guerrilheiro, encarregado de entreter a agitação dos seus partidarios dirigindo ao mesmo tempo a nação hespanhola um manifesto no qual diz que a hora fatal se aproxima e que elle e os seus estão promptos a morrer pela patria antes que a mesma succumba pela invasão do estrangeiro.

Condemna alguma das reformas concedidas a Cuba como prejudiciaes a metropole, que perderá cedo ou tarde essa grande colonia em virtude da maxima liberdade que lhe fora outorgada e pede ao seo paiz que supporta pacientemente a somma enorme de sacrificios, romper definitivamente contra a republica americana a verdadeira inimiga e perseguidora da Hespanha.

Independente da natural declaração de todo o pretendente que prevê a breve realisação das suas esperanças o manifesto de D. Carlos é digno e patriotico quando denuncia o verdadeiro inimigo do seu paiz e incita a Hespanha a tirar a mascara d'esse governo que não sabe ou não quer evitar a responsabilidade dos attentados internacionaes que diariamente se practicam com pleno conhecimento e acquiescencia



D. JAYME DE BOURBON
Filho de D. Carlos pretendente á Corôa de Hespanha.

das suas auctoridades.

Os ultimos telegrammas que annunciaram a partida e desembarque de novas expedições flibusteiras em Cuba, justamente quando o governo do Sr. Sagasta applica em toda a ilha com a maior sinceridade e patriotismo a mais liberal das autonomias, produzio na imprensa de todos os paizes um sentimento de justa indignação. Não convem decididamente aos Estados-Unidos que Cuba continue hespanhola e esses syndicatos immoraes que exploram o patriotismo de um povo são infelizmente mais poderosos que o governo da sua propria nação. Em taes condições só ha um meio de impedir uma tal especulação, e esse meio é claramente indicado pelo pretendente, no seo ultimo manifesto.

O governo imperial na Allemanha pela alta resolução do seu soberano acaba de dar á sua politica exterior uma d'estas inesperadas viravoltas que muito contribuem para a realisação dos seus planos interiores. Guilherme II fatigado e irritado deante da lentidão e da má vontade de um

Reichstag que de firme proposito, não quer comprehendere as suas exigencias em materia do orçamento naval encontra, nos longinquos mares do extremo oriente um pretexto maravilhoso para pôr em acção uma parte da sua marinha que, certamente, não deixará escapar uma tão providencial occasião, sem tirar d'ella a maior somma de proveitos possivel. O massacre de dous pobres missionarios que inoffensivamente cumpriam a sua religiosa tarefa foi o momento escolhido para pôr em practica as duas principaes partes do programma que é patrocinado pela corôa. A creação nos mares da China de uma estação naval que offereça ao mesmo tempo as condições de um bom e vasto deposito de carvão para a esquadra que ahi opera, era, depois da guerra sino-japoneza um constante objectivo do almirantado allemão. A segunda sempre em correlação com a primeira, seria a procura incessante de um incidente qualquer que desse occasião a que a marinha imperial fizesse uma demonstração naval importante. Obtinha Sua Magestade por esse modo a attenção e boa vontade do Parlamento nas concessões que d'elle deseja obter; pois seria imperdoavel e incomprehensivel que os Srs. deputados continuassem a recusar creditos tão necessarios a uma instituição que com dignidade e patriotismo defendia a honra nacional no exterior.

A bahia de Kiao-Tcheu foi o theatro escolhido para as reivindicações imperiaes, e Sua Magestade na sua falla do throno assim se refere: « O assassinato de missionarios allemães na China e os ataques dirigidos contra missões collocadas sob a minha imperial protecção obrigaram-me a dar á minha esquadra do extremo-oriente ordem de penetrar na bahia de Kiao-Tcheu e occupal-a militarmente. Mantendo o juramento sagrado que proferi n'este recinto, de defender a honra do Grande Imperio no estrangeiro, não hesitei um só momento em expôr a vida do meu unico irmão ». E por essa commovida peroração Guilherme II procura sensibilisar o espirito dos seus deputados que são verdadeiramente difficeis em aceitar as theorias de seo rei em semelhante materia.

Dando execução ás disposições da falla do throno, o príncipe Henrique da Prussia recebeu ordem de seo imperador e irmão de partir com uma divi-

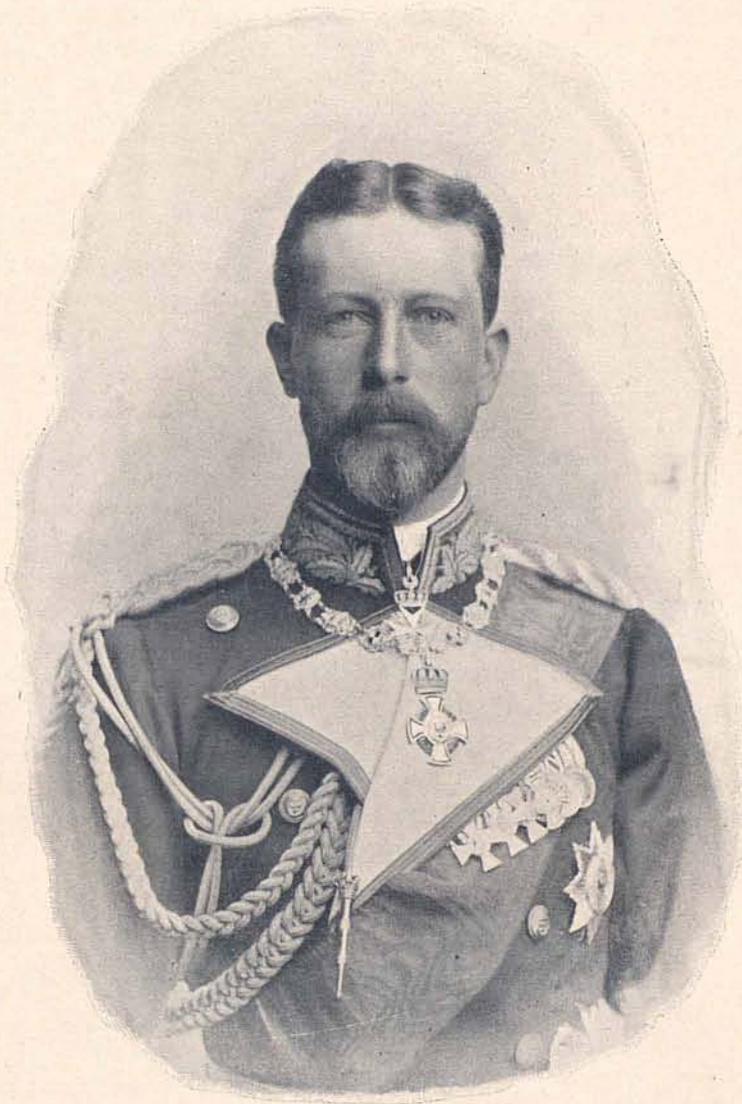
são para os mares da China e tomando o commando supremo das duas esquadras apoiar as reclamações da Allemanha. Ellas são duras e difficeis a serem aceitas. Somentemente á China é permittido fazer-se taes imposições. Construcção de uma igreja, concessões de caminhos de ferro, indemnisação de muitos milhões e, abandano completo e para sempre da bahia de Kiao-Tcheu que ficará sendo territorio allemão. A China ferozmente indignada recusa-se a discutir semelhantes proposições e os allemães estão dispostos a encarar o facto como consummado.

A Europa não satisfeita das tisanas que applicou sem resultado ao—homem doente do Oriente, vaee provocar uma séria recalhida ao outro do Extremo-Oriente.

O incrível desfecho que tiveram as escandalosas scenas do parlamento austriaco foi todo favoravel ao partido da opposição que organizara durante muitos dias a mais ignorante e desprezível das obstrucções. Os pugilatos continuos que transformaram uma respeitavel assembléa, n'uma feira de reles saltimbancos só teve fim com a evacuação do recinto pela força armada. O senhor Conde Badeni, que soube sempre guardar em toda esta triste campanha toda a dignidade da sua posição de primeiro ministro, não encontrou no seo soberano o apoio ao qual tinha direito para impedir e acabar a continuação desses inqualificaveis abusos. Francisco-José com o seu excesso de correcção como soberano cons-

titucional não quiz dar ao seo presidente de conselho os meios necessarios para corrigir um partido que abusava e especulava com as liberdades do parlamentarismo. O senhor Conde Badeni insistio então pela sua demissão e para substituil-o foi chamado o senhor Barão de Gautsch que com um novo ministerio vai tentar a campanha dar votação do Compromisso. Sua Excellencia n'estes poucos dias de governo parece ter reconhecido a impossibilidade de tratar com homens como o senhor Wolff e outros. A grande questão a decidir-se na Austria é, se Francisco-José entende governar com o partido allemão que tem como divisa, « o Germanismo antes de tudo. » Um tal partido como director politico da Austria e Hungria transformará certamente a questão das nacionalidades das raças em uma verdadeira revolução interior.

M. BOTELHO.



PRINCIPE HENRI DA PRUSSIA
Ermão do Imperador d'Allemanha.

A Floresta Negra

Baden, Heidelberg, Hoffenburgo, Triberg, Singen e Schaffhouse (quedos do Rheno).



Typo de Alsaciana.

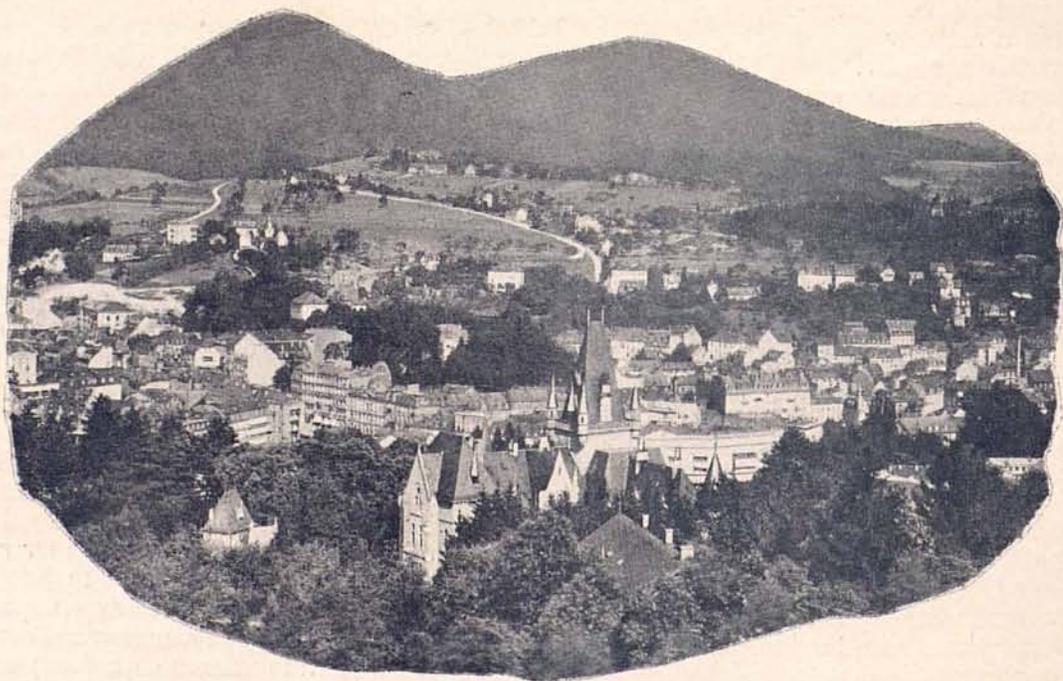
e mais ao longe n'um horizonte que se approxima, avistam-se os pinheirões escuros da Floresta-Negra. Chegámos a Baden ás seis horas da manhã; a pequena cidade começa a despertar-se, animada pelo vai e vem constante ao mercado. Circulam pela Lichtenthall bellos typos de camponias vergadas sob o peso dos largos cestos cheios de saborosas fructas, e as carrocinhas dos leiteiros puxadas por cães vão, em um pequeno trote, parando de porta em porta. O azul do céu contrasta com o verde escuro das collinas que nos rodeam e lá, no alto de uma encosta, em meio da vegetação e dos penhascos, destacam-se as ruínas do velho castello, sobre as quaes tremula a bandeira gran-ducal.

Baden é a mais elegante e a mais pittoresca cidade da Floresta-Negra. Rodeada de collinas verdejantes, cheia de bellos passeios e excursões, dotada

Cinco horas da manhã, passamos Strasburgo e, levados pela velocidade do Oriente Expresso, percorremos as tristes planícies da Alsacia povoadas de cecegnhas passeando melancolicamente na campina orvalhada. Aqui e ali, familias de campones começam o labor quotidiano

de todo o conforto e luxo nos seus hotéis e villas, com um magestoso casino que era ha trinta annos o Monte-Carlo da época; dando rendez-vous em todo o verão á aristocracia internacional e aos millionarios do mundo; Baden, celebrisouse pelas mais brilhantes festas e pelas mais bellas noitadas da roleta e do trinta e quarenta. Hoje, independentemente da prohibição do jogo, continua a ser um dos logares escolhidos pela gente fina, e nos bellos salões da *Conversation*, testemunhas de tantas scenas picantes do mundanismo galante d'outr'ora, e das mais desesperadas queixas dos arrebatados do *rouge e noir*, passeiam, castas e poeticas *Fraulein* em cujos olhos azues e penserosos lê-se todo um idyllio do cavalleiro encantado, matando o dragão de fogo para salvar a sua amada.

Os arredores de Baden são encantadores e os continuos passeios aos velhos castellos, ás cascatas barulhentas e aos lagos tranquillos constituem a obrigação quotidiana dos visitantes. A cuidadosa attenção e o desvelo quasi carinhoso com que são tratados os parques e os jardins, as ruas e as alamedas; essas admiraveis estradas que por entre as florestas sombrias e accidentadas conduzem aos mais pittorescos e apraziveis sitios, tudo tratado com um asseio meticuloso e continuo, dá, ao estrangeiro que por ahí passa essa satisfação material de bem viver e bem gozar. Nas mais insignificantes choupanas e nas mais modestas estala-



PANORAMA DE BADEN-BADEN



Mulheres de S. Jorge.

gens, nas ruínas dos velhos castellos e nos trilhos estreitos e tortuosos das mattas, a paternal municipalidade e a boa vontade dos habitantes, tudo prepara e tudo prevê, offerecendo aos viajantes mil detalhes e indicações que facilitam e encantam uma excursão n'essas paragens.

Partimos para Heidelberg, onde cinco horas depois achamo-nos installado no hotel do Dragão alegremente edificado no começo da collina, que domina a velha cidade universitaria. É toda uma longa historia, a historia d'essa antiga capital do Palatinado que tão proeminente papel representou nas luctas militares e nas conquistas intellectuaes de toda a Allemanha n'estes ultimos seculos. A sua tão celebre universidade, fundada em mil trezentos e noventa é a mais antiga da Europa depois da de Praga. N'ella domina a theologia protestante que contrabalança no Grande-Ducado de Baden a influencia da universidade catholica de Friburgo. A sua bibliotheca que contém mais de cento e cincoenta mil volumes, os seus laboratorios e gabinetes de physica e de historia natural, um jardim botanico sabiamente organizado e um vasto amphitheatro, offerecem á mocidade estudiosa os maiores e mais completos recursos. Os homens os mais illustres, nas sciencias, nas letras e nas artes passaram por Heidelberg, deixando na sua maioria, ligada á tradiçãõ da vida escolar, um romance de historias galantes ou aventuras de espadachins que tanto contribuíram para dar a esse grande centro intellectual a fama legendaria pela qual elle é universalmente conhecido. Oitocentos estudantes ahi se-

guem os cursos de trinta professores que são coadjuvados por muitos substitutos d'entre os quaes é organizada a commissão disciplinar e de justiça encarregada de fiscalisar o comportamento dos alumnos. Os estudantes de Heidelberg distinguem-se das outras universidades allemãs pela originalidade dos seus trajes e pelo seu espirito irrequieto e provocador. Os duellos tornam-se por essa causa muito frequentes mas raramente têm resultado fatal. Esse celebre *rapière*, que todo o viajante de passagem na Allemanha traz como palavra de sensaçãõ no seo livro de notas, é a fórma mais barbara e ridicula de liquidar questões. Dous combatentes com as bochechas de fóra e o resto do corpo protegido, esforçam-se por obter no rosto uma marca qualquer, pequena ou grande, que lhes garanta uma maior somma de sympathias e de admiração da parte das suas affeioadas.

Um livro ultimamente apparecido e que tem por titulo *Guilherme II intimo* tratando dos duellos na Allemanha descreve com muito pittoresco e interesse esses encontros de estudantes, nos quaes a nota comica e folgazã reveste muitas vezes uma expressãõ selvagem e cruél. « Os adversarios collocam-se a uma curta distancia um do outro e sob a ordem do director do combate terriveis golpes começam a trocar-se de parte a parte, não devendo segundo as regras exceder de um quarto de hora. Antes que os primeiros cinco minutos se terminassem um dos estudantes tinha recebido uma terrivel cutilada sobre o labio superior. As carnes estavam pendentes e tres dentes da frente tinham sido arrancados. O medico apoderou-se immediatamente do ferido, fazendo-o assentar em um banco e dando logo principio á dolorosa operaçãõ da costura. O desgraçado não obstante de um esforço sobrehumano, não poude conter um gemido, sendo energicamente censurado pelos seus campanheiros por essa manifestaçãõ de fraqueza e fizeram-lhe comprehender que, se assim continuasse seria expulso da corporaçãõ a que tinha a honra de pertencer. O infeliz não obstante a cruél tortura, não mais se moveu soffrendo com um



Casino de Eaden.



Antes do combate. O duellista e as suas duas testemunhas.

admiravel stoicismo o regimen barbaro que lhe era imposto. » Oito dias depois, lá vae o *retalhado* com a sua bella cicatriz, rapidamente fechada pela força dos antisepticos receber os cumprimentos das bellas *demoiselles* da melhor sociedade, fazendo n'essa *tourné* de vencedor umas tantas apaixonadas com a sua hedionda e atroz physionomia. O *retalhado* traz sempre com orgulho as suas marcas, dando-lhes um valor bem maior que a mais prestigiosa condecoração do seo rei. O grande Bismark é um *retalhado* e as suas octogenarias bochechas conservam ainda as velhas e heroicas cicatrizes do seo tempo de mocidade. O actual imperador da Allemanha foi, quando estudante um grande entusiasta do *rapière* e na tranquilla universidade de Bonn onde passou alguns annos era um espectador assiduo dos duellos entre os seus camaradas. A sua dignidade de principe herdeiro não lhe permettindo crusar o ferro com simples mortaes, o actual soberano deve naturalmente a essa causa o motivo de não trazer nas suas regias faces o sello conquistador dos rapazes do seo imperio.

Uma legitima curiosidade do estrangeiro que chega a Heidelberg é a visita ao seo castello, ou antes ás collossaes ruinas d'essa imponente e grandiosa construcção que eleva-se a uma centena de metros sobre a collina que domina a cidade. Do alto da sua grande torre estende-se o panorama de Heidelberg cortada pelo rio Neckar, e cercada de outeiros verdejantes. São na sua maioria ignorados e desconhecidos os grandes artistas e architectos que desde o seculo quinze contribuíram para a construcção d'esse soberbo palacio feudal; residencia faustosa de muitas gerações de reis e soberanos, que ahí accumularam a mais

admiravel collecção de obras primas em marmore e pedra. Resistindo impavida á guerra dos trinta annos, a inexpugnavel cidadella dos Eleitores cahe por duas vezes em poder dos generaes de Luiz XIV que a reduziram as ruinas que hoje presenciemos e cem annos mais tarde o fogo do céu completou a obra de destruição tão bem começada pelos canhões francezes.

Nas adegas do castello admira-se o extraordinario tunnel de onze metros de longo e oito de largo tendo uma capacidade de duzentos e noventa mil garrafas. É, segundo os competentes, uma verdadeira perfeição da tanoaria justificando largamente a sua universal reputação. Em frente á sua grande

torneira está collocada a estatua de Perceo, bôbo da côrte de Carlos Phillipe. A chronica pretende que Perceo nunca se deitava antes de ter bebido dezoito a vinte garrafas do vinho desse tunnel cuja chave estava confiada á sua guarda. A posição commercial de Heidelberg é muito inferior á de Fribeergo, consistindo a sua principal industria no grande numero de brasserias algumas fabricas de instrumentos de musica e pennas metalicas. D'esta cidade parte o caminho de ferro da Floresta Negra que atravessando todo o grande-ducado de Baden, vai terminar em Singen na Suissa.

Ainda não se encontra nas proximidades de *Heidelberg* a verdadeira vida industrial da Floresta Negra e nem tão pouco essas immensas officinas cheias de operarios que são os proprios floresteiros á fabricar os mil objectos em madeira. Começa em Hoffenburgo o desenvolvimento d'esse commercio que tem como base principal Tri-



Campezas de S. Jorge.



Aldêas de Guttenbach.

berg, a localidade mais central de toda a Floresta. Hoffenburgo é uma das estações do caminho de ferro que, vindo de Heidelberg atravessa toda essa região indo acabar a Singen, perto das quedas do Rheno. Essa linha é uma das mais interessantes e das mais grandiosas da Allemanha não só pelo bellissimo panorama que se disfructa a todo o momento, mas tambem pelas difficuldades da sua construcção cheia de notaveis obras de arte. Os trens rapidos possuem carros especiaes, de typo igual aos wagons observatorios que circulam nas grandes e principaes linhas americanas que fazem o servico entre New-York, Chicago e San-Francisco passando pelo Niagara. Esses carros permitem aos viajantes gozar, tranquillamente assentados em suas poltronas, de toda a belleza da paysagem que se succede constantemente. Hoffenburgo é uma pequena cidade, antiga residencia imperial e pertencente desde os mais remotos tempos ao ducado de Suabia. Como centro industrial é um dos mais prosperos, tendo tomado ultinamente, depois da passagem da linha-ferrea um grande desenvolvimento. Ahi se encontra uma das primeiras fabricas de trabalho de madeira, especializando-se na esculptura dos medalhões decorativos representando scenas de caça. O trabalho da entalhação é ainda dos mais primitivos, causando surpresa ver-se esses rudes floresteiros de cabellos frisados e olhos azues, recortar com um paciente trabalho, servindo-se da lima e do formão, pequenos objectos que são feitos rapidamente por dezenas nas serras mecanicas. Independente da rotina empregada nas fabricas de Hoffenburgo, Triberg e outros pontos da floresta, os ob-

jectos que d'ahi saem trazem todos um cunho especial de solidez e de bem acabado, que os torna facilmente vendaveis e universalmente conhecidos.

O caminho a percorrer de Offenburg a Triberg comquanto não seja longo de mais de cincoenta kilometros, é todo elle uma serie de tunneis, d'entre os quaes destacam-se os de Hornberg e S. Jorge, uma grande quantidade de viaductos lançados sobre grutas e precipicios e um numero sem conta de pequenas pontes, atravessando riachos encachoeirados. Triberg é um dos centros manufactores situado em plena Floresta Negra e o mais importante deposito dos objectos fabricados na região,

especialmente os celebres relgios conhecidos em todo o mundo pelo nome de *cou-cou* que são vendidos de dois, á cinco mil francos. Em Schœnwald nos arredores de Triberg, em um dos mais bellos e pittorescos logares que temos visto, trabalha uma importante fabrica servida por quatrocentos operarios adultos e crianças apresentando a mais bella collecção de typos dos diversos habitantes da Schwarzwald. A nota mais original de toda essa multidão de são certamente as aldeãs de Güttenbach com os seus chapéos de palha longos como um tubo e tendo completamente a fórma de uma cartola.

Homens e mulheres de S. Jorge, do Gutach de Triberg e do Güttenbach, cheios de vigor e robustez, vestidos com os extravagantes costumes das suas aldeias, meninas louras, com o seu longo e listado avental de operarias excessivamente limpas e cuidadas; todas usando o antigo e tradicional penteado da paysana allemã, uma longa e



Uma casa de Floresteiros.



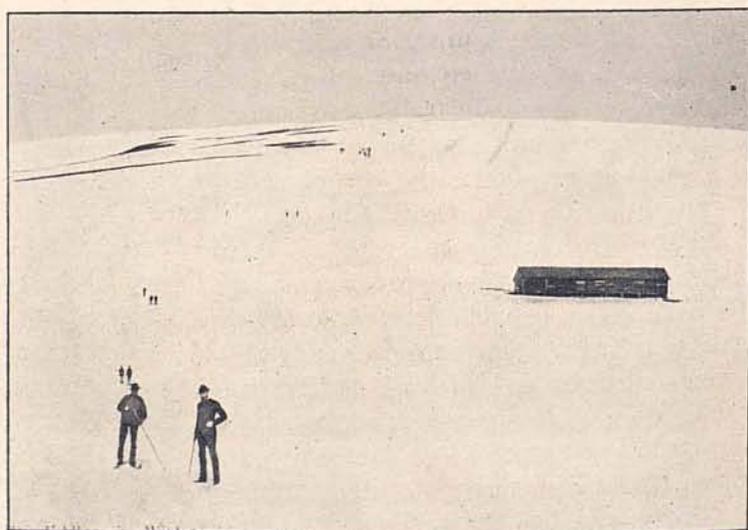
O começo do Feldberg.

apertada trança, coroando n'um largo circulo o alto da cabeça. A meio kilometro d'essa officina, situada em plena floresta rôla a magestosa cachoeira de Triberg uma das maiores e mais bellas de toda a Allemanha. A enorme massa d'agua do Gutach, precipita-se de uma altura de cento e cinquenta metros, cerrada entre immensos blocos de granito e altos pinheiros, cortando com o verde escuro da folhagem o nevoeiro branco da espumarada. Bandos de andorinhas negras, sobem e descem esvoaçando por entre esse atoador turbilhão, dando a esse bello quadro da natureza, uma nota pittoresca e selvagem. De Triberg deixamos por tres dias o caminho de ferro da floresta para nos dirigirmos a Friburgo, situada a alguns kilometros do Rheno e rivalisando pela belleza do lugar e pelo encanto de seus arredores, que se estendem pelo verdejante valle do Dreisam, com Baden e Heidelberg. É uma grande cidade de mais de vinte mil habitantes, possuindo uma universidade de primeira ordem, um notavel gabinete de historia natural e muitas bibliothecas, admiravelmente organizadas. Irregularmente construida, guardando na maioria das suas ruas estreitas e tortuosas o cunho medieval ella possui uma imponente cathedral a mais bella igreja gothica d'Allemanha, no dizer das pessoas competentes. Começada em principios do seculo doze, por Conrado de Zerringen, esse magestoso edificio tem conservado até os nossos dias a belleza

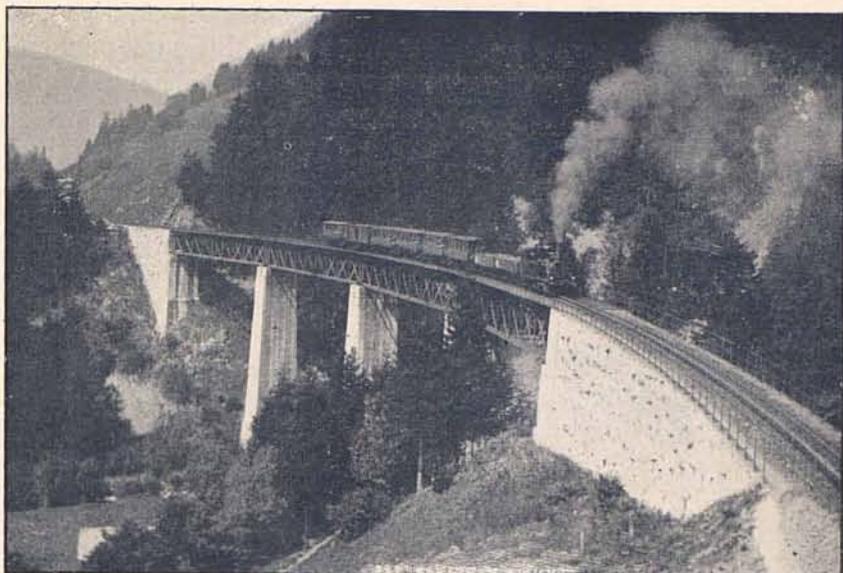
e solidez primitivas. É preciso diz um illustre e sabio viajante, subir-se até o terraço que rodeia a base da flecha, não só para contemplar um panorama que deslumbra mas tambem para se poder apreciar no seo justo valor essa obra-prima da architectura gothica que não obstante a sua apparente fragilidade resiste desde cinco seculos a todas as intempéries da athmosphera e as mais terriveis tempestades. O seo interior é de uma riqueza esculptural maravilhosa sendo a sua immensa nave clareada pela luz suave, coada pelos mais perfeitos e completos *vitreaux*, verdadeiros mosaicos de vidros de côres artisticamente combinados. Victor Hugo fazendo uma bella descripção d'esse interior, diz que é a mais completa e artistica collecção que encontrara. A ourivesaria byzantina, em profusão, exposta sob os raros tecidos de Veneza, e as mais soberbas tapeçarias da Persia, contrastam com os admiraveis quadros de Holbein. A esculptura apresenta uma notavel estatua da virgem abrigando sob o manto, uma multidão de fieis, e ainda mais outros innumeros trabalhos cheios de belleza e estylo.

Mas o que é mais extraordinario em toda esta interessante exposiçào de cousas preciosas, é, numa pequena capella do fundo, um adoravel Christo de Byzance, alto de seis palmos e trazido da Palestina por um bispo de Friburgo. O Christo e a cruz são em cobre dourado enriquecido de pedras brilhantes. O Santo Nazareno, trabalhado n'um stylo barbaro e grandioso, está envolvido n'uma tunica ricamente cizelada; um grande rubim, não lapidado, figura a chaga do lado esquerdo e encostada á muralha em frente, a estatua do piedoso bispo contempla com adoraçào o filho de Deus.

Friburgo é o emporio commercial e o grande deposito dos productos da Floresta Negra e a séde de diversos « *Schifferwald* » ou associações de negociantes de madeira, que possuem e exploram



O cume do Feldberg no inverno.



GRUTAS DE RAVENA
Caminho de ferro da Floresta Negra.

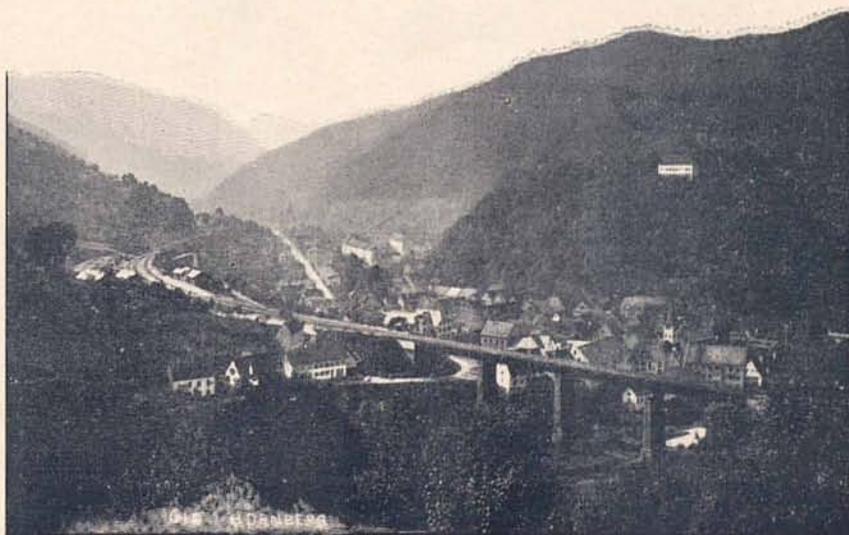
vastas florestas repartindo os lucros pelos diferentes socios. Essas companhias só se occupam do commercio de exportação da madeira que cortada em grossos troncos de pinheiros são lançadas aos pequenos rios da vertente oriental até ganhar o Rheno onde solidamente amarradas formam enormes jangadas rodando vagarosamente na direcção da Hollanda. Na vertente occidental vão elles do mesmo modo procurar o Danubio que atravessando a Allemanha a Austria e toda a confederação Balkanica, os conduz aos longuiquos mercados dos portos do mar negro.

A corporação dos *Schifferwald*, fiscalisa tambem a organização e a marcha das cooperativas beneficentes destinadas a proteger e subsidiar todo e qualquer operario ou trabalhador da Floresta Negra, sendo a mendicidade desconhecida e prohibida em todo o paiz. Voltamos a Triberg e de lá continuamos o nosso caminho em direcção a Singen passando não longe do pequeno banho de Griesbach, aldeia pittoresca e minuscua, perdida em plena floresta e não tendo mais que uma rua com algumas casas de floresteiros, e o estabelecimento thermal e suas dependencias. Alguns kilometros mais, o caminho de ferro atravessa uma das mais bellas partes da floresta, toda accidentada e selvagem onde o gamo corre livremente e os serelepes em bando derissam os pinheiraes. Ravena é o nome desse logar e ahi começa a larga e ingreme estrada que conduz ao pincar do Feldberg o mais alto ponto da Floresta-Negra. O inverno, n'essas paragens, vem cedo e no mez de Outubro as primeiras camadas de neves começam a cobrir os caminhos e a

pequena vegetação que corôa o cume da montanha alta de mil e quinhentos metros. O trenó faz então o seu apparecimento dando a essa paisagem do norte o pittoresco, triste e poetico das scenas siberianas e pela immensa superficie alvadia, conduzindo viajantes ou carregados de madeira deslisam elles sem ruido, velozmente arrastados por vigorosos trotadores. Estamos em Singen, quasi nos limites da Schduarwald que vai morrer nas proximidades do lago de Constança. Sobre a elevada culminancia do velho castelho de Hohentviel desmantelado pelos francezes, desenrola-se um admiravel panorama dos Alpes e

da hospitaleira Helvetia, e lá, ao longe sobre as montanhas cobertas de relva já se ouve o sincero dos rebanhos suissos que pastam.

Schaffhouse é o ponto terminal da nossa pequena excursão e ahi chegamos ás dez da manhã com um bello sol de verão. A pittoresca e antiga cidade, capital do cantão do mesmo nome é situada a tres kilometros das quédas magestosas do Rheno — a mais consideravel e imponente de toda a Europa. O velho e legendario rio com cento e quinze metros de largo, precipita-se sobre um enorme banco de rochedo rolando encachoeirado e barulhento em uma distancia de mais de cem metros. É do castello de Lanfea, edificado sobre um rochedo a alguns passos das margens do rio, que melhor se observa esse quadro maravilhoso em todos os seus detalhes. O azul do céu, o immenso arco-iris formado pelos nevoeiros da cachoeira, e a bella vegetação dos arredores dão a esse esplendido panorama uma nota de vigor e de belleza inapreciaveis. E para mais originalidade do spectaculo e maior contento dos hoteleiros e



O caminho de ferro atravessando Honberg.



Nas fronteiras da Suíça.

interessados que tudo exploram nesta hospitaleira Suíça, o admirável effeito d'essas aguas revoltas e batidas, é todo outro quando, na escuridão da noute, surge por encanto toda illuminada por centenas de lampadas multicôres a majestosa catarata, imponente e grandiosa no seu decoro phantastico de electricidade. Algumas centenas de metros após as quedas do Rheno, grandes estabelecimentos edificados sobre a margem direita utilizam a força hydraulica do rio, distribuindo-a por

algumas dezenas de fabricas, o que faz de Schaffouse um pequeno mas bem importante centro industrial da terra suíssa.

É uma das mais bellas e antigas cidades da confederação, não só pela sua admiravel situação sobre o Rheno, mas tambem pelas suas construcções limpas e elegantes. A sua posição de commercio é excepcional como centro importante de transito entre a França, Alemanha e a Suíssa inteira. Os seus tecidos de seda invadem todos os mercados do mundo e mesmo nos armazens de Pariz fazem uma terrivel concurrencia á industria nacional supplantando muitas vezes os aperfeçoados productos de Lyão. A sua cutelaria é celebre em toda a Europa, e a Inglaterra, nação practica e economica, ali manda forjar os sabres dos seus marinheiros. Como monumentos e antiguidades, nada existe, e em materia de ruinas historicas só apresenta uns pilares desmantelados, antigos alicerces de uma ponte monumental sobre o Rheno, destruida pelo general Oudinot cortando a passagem aos Austriacos.

M. BOTELHO.



Quedas do Rheno em Schaffhouse.

Os elephantes no Siao

A CAÇADA de elephantes que se effectua duas vezes por anno em Ayuthia, antiga capital do Sião, é um espectáculo original e curioso, de que não ha exemplo em outro paiz do mundo.

A promulgação do cerco imprime grande agitação em toda a circumvizinhança, e o povo, que em largas ondas invade Ayuthia, testemunha a importancia que merece no Sião essa festa bi-annual. Entre os numerosos espectadores, contam-se,

além de siamezes, para os quaes não constitue sacrificio uma fatigante viagem de tres ou quatro dias, officiaes e estrangeiros residentes em Bangkok, sendo estes ultimos, em grande parte, convidados pelos organizadores dos festejos.

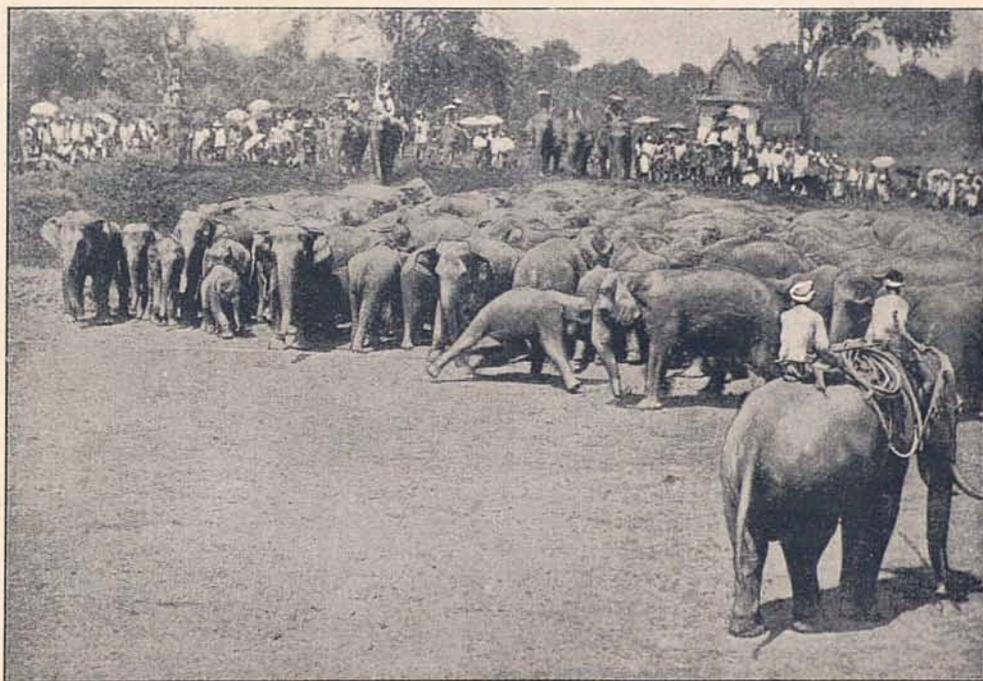
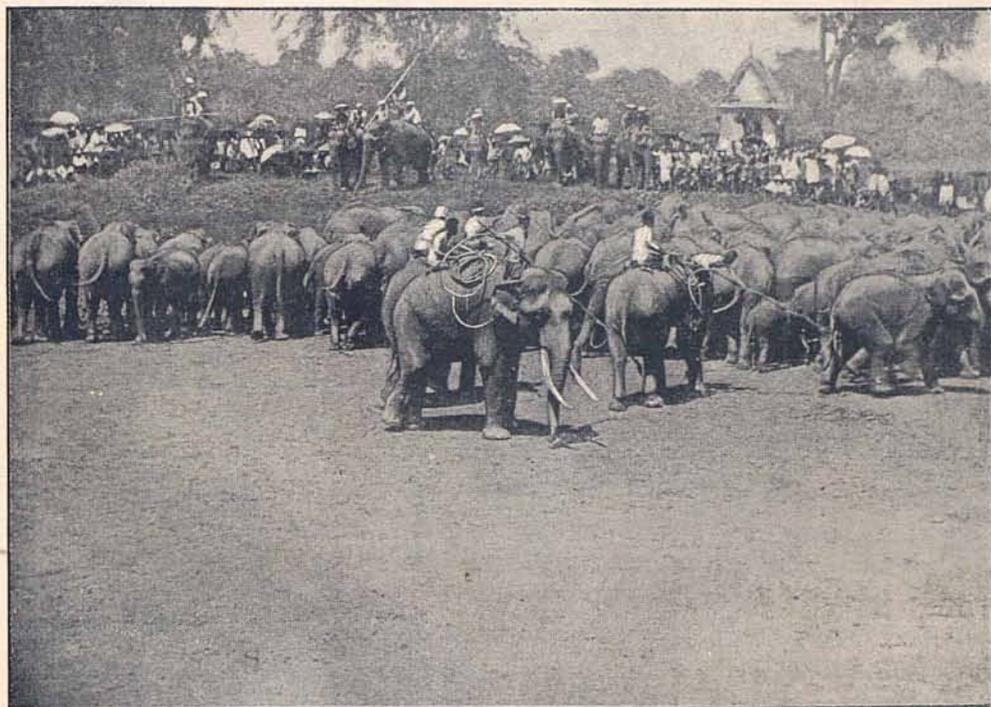
A scena é animadissima. Nos campos de arroz ainda incultos, inicia-se o espectáculo. Vestuarios vivamente coloridos, entre os quaes se destacam as tunicas amarellas do clero, movem-se, agitam-se, em curiosidade expectante. A algumas centenas de metros do

Após as primeiras chuvas da estação, vem de Bangkok a ordem para a realisação do cerco em determinado dia. Pela vasta região do delta, desde o Menam até Bangkok e a partir d'esta cidade até as collinas do Korat, isto é, em uma área de 1500 milhas quadradas, dispersam-se os enviados do governo central, os quaes para um ponto, não distante de Ayuthia e anteriormente designado, fazem convergir os bandos de elephantes espalhados pelo extenso territorio.

povo reunido, sae, d'entre moitas de bambús, um elephante, manso e pachorrento, montado por dois

Salvo nas epochas do cerco, erram livremente os elephantes, que são propriedade do rei, sem que damno algum lhes seja causado, porquanto inquietal-os de qualquer fórma importa uma das mais graves violações da lei.

homens. É o guia, seguido logo por dois elephantes selvagens, cuja presença é aclamada



pelo povo aos gritos de *Chang-ma!* (Estão ahi os elephantes!) A esses segue-se o bando, geralmente composto de trezentos animaes, que, tranquillamente, se reúnem na planície, atrás do *guia*. N'esse meio tempo, muitos outros, montados por

se enclausurados, começam os animaes a girar em torno d'uma torre de madeira collocada ao centro e occupada por um official superior, que dirige o trabalho. N'esse circuito procuram elles o *guia* que os trouxe até ahi; mas este tem sido já sorratamente

retirado, por precaução, porquanto a sua vida correria sério perigo, si os seus companheiros se convencessem da armadilha a que elle os arastára.

A scena se passa ao cair do sol, hora escolhida por causa do calor. No recinto ligeira ração, composta de ramos de bambú verde, é servida aos elephantes, que repousam até o dia immediato.

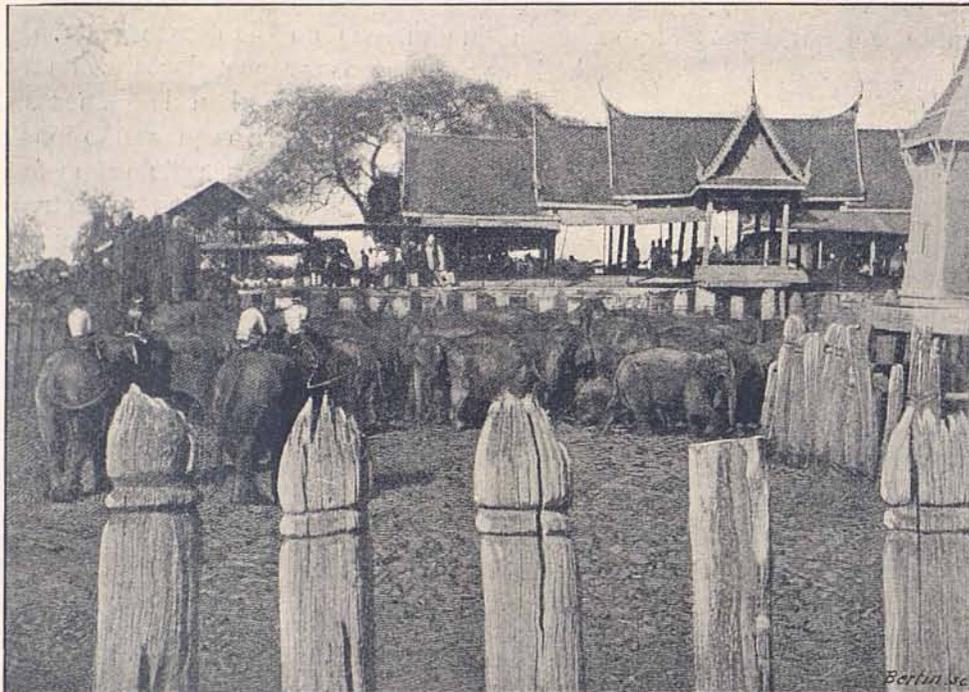
Pela manhã seguinte, antes que o sol dardeje fortemente seus raios, o *guia* e mais quatro ou cinco pachydermes, montado cada qual por dois homens, entram no cercado. Os homens têm ás

mãos um rôlo de corda, uma extremidade da qual é presa a um longo bambú. Comprehendem, então, os elephantes a imminecia do perigo, e, doidamente, aos atropellos, procuram a estreita communição com o *paneat*. É n'esse ponto, para o

homens armados de lanças, saem do bambuzal, lateralmente, formando a guarda, que evita a dispersão do bando. Acompanhando então o *guia*, e guardada pelos lanceiros, toma a magestosa coorte a direcção do rio Bangpakong, onde os animaes revelam sempre alguma hesitação, pois as margens medem seguramente tres metros de altura. Persuadidos, porém, pelo exemplo do *guia*, os elephantes descem, como enorme e negra avalanche, a grande ribanceira. A multidão que os espera á margem opposta, acolhe os pachydermes com estridentes manifestações de jubilo.

Transposto o rio, o elephante-guia conduz os seus companheiros a um enorme recinto quadrado, cujos limites são definidos por fortes postes de madeira. Esse recinto communica, por estreita abertura, com o curral, a que os siamezes dão o nome de *paneat*. No momento em que entra o bando, fecha-se, por meio de vigorosas barras, a porta do cercado. Achando-

qual os animaes atarantados naturalmente convergem, que os laçadores fazem a selecção dos que desejam capturar. Deixam então cahir o laço sob as patas do elephante escolhido, e agilmente le-



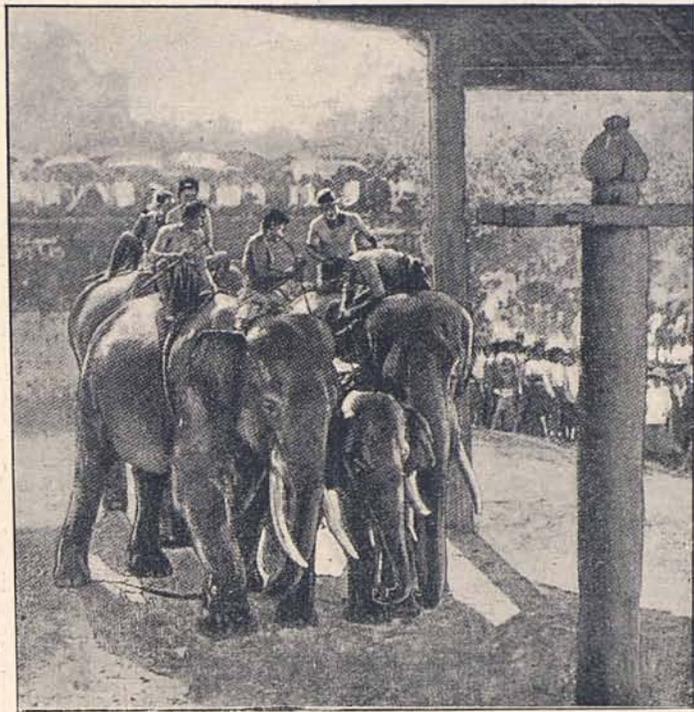
vantam a corda até á altura do joelho do animal; isso só se completa, no entanto, depois de diversas tentativas. Conseguido esse intento, atira o laçador ao sólo o grande rôlo de corda, enquanto homens, que, á espreita, esperam o convencional signal, entram no recinto, colhem a corda e solidamente a amarram a um poste. Preso, o elephante não percebe logo o seu infortunio. Continúa a correr, até que, desenrolada toda a corda, elle se sente fortemente seguro. São curiosos os esforços que n'esse momento empregam os outros para libertal-o; e quando é o prisioneiro um elephante pequeno, ainda sob os cuidados maternos, é commovente o desespero de sua natural protectora.

Capturado d'esse modo o numero de elephantes que se tem em vista, é o resto do bando impellido para o curral. São então amarrados os prisioneiros a dois elephantes montados, entre os quaes caminham, não sem brutaes arranços, e seguidos, por precaução, por outro elephante domesticado. É assim conduzido cada animal selvagem aos estabulos reaes, onde é ligado por uma perna e pelo pescoço a uma estaca.

Tres annos são precisos para a completa docilidade de um elephante. Durante esse longo prazo, é elle confiado a um guarda attento, e adstricto a mover-se em volta da estaca a que o prendem fortissimas correntes.

Terminada a festa, que dura, em geral, dois

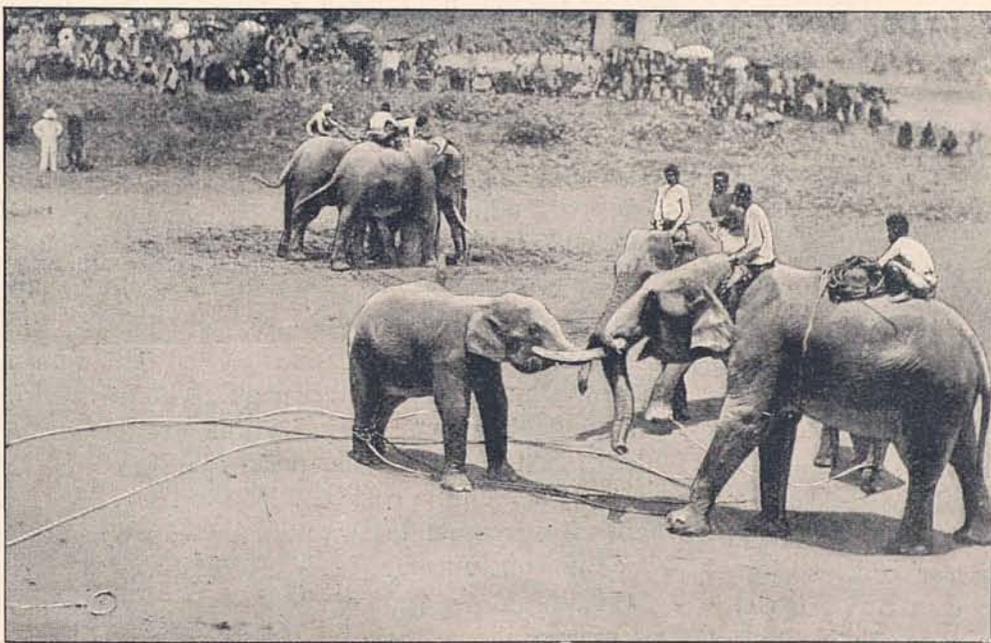
não se contem tres ou quatro victimas entre os laçadores e os « homens de corda. »



Durante o cerco a mais severa fiscalisação se exerce sobre o *albino*, ou o elephante branco, que é, tanto em Sião quanto em Burma, objecto de grande veneração. Para juntar um *albino* aos muitos que já possuié o rei nos seus immensos estabulos, em Bangkok, nenhum esforço é poupado. Mais de uma vez tem sido a captura de um elephante branco motivo de cruentas luctas entre Sião e Burma. Ha alguns annos, dois *albinos* foram, em um só cerco, apprehendidos em Ayuthia; o rei de Burma, persuadido de que um unico exemplar bastaria para o orgulho de Sião, enviou prompto pedido de um dos especimens. Isso lhe foi energicamente recusado. Era um *casus belli*, deante do qual siamezes e burmezes não pensa-

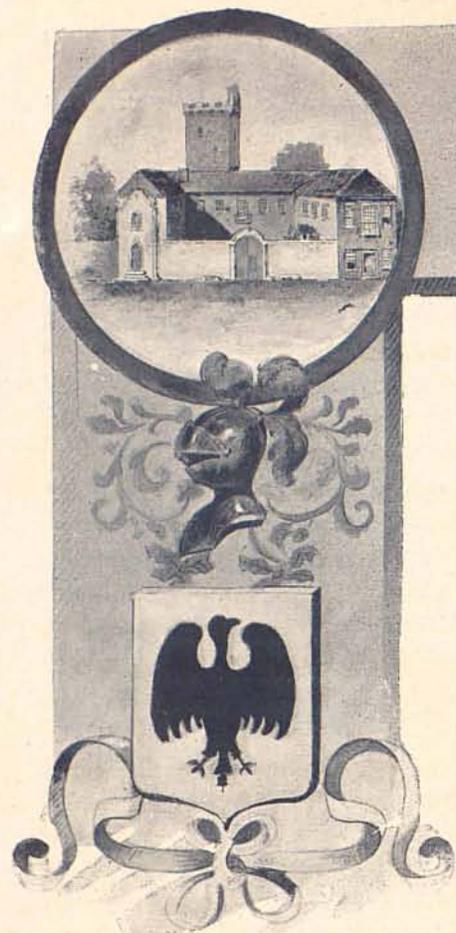
ram em recuar. Uma sanguinea lucta, que durou alguns dias, não resolveu o problema de modo favoravel ao rei de Burma: o elephante branco faz ainda parte dos reaes estabulos de Bangkok...

X



dias, são os elephantes, não escolhidos, postos em plena liberdade, de que gozam inalteravelmente durante seis mezes.

Não é destituido de perigos o cerco dos elephantes, sendo rarissimas as occasiões em que



a Ilustre Casa de Ramires

No corredor da Torre parou diante do antigo relógio de charão. Cinco e meia!... Então, « para desentupir », pensou n'uma caminhada rija até aos Bravaes. Depois n'uma visita (devida já na Páscoa!) ao velho Sanches Lucena, novamente

eleito deputado, nas eleições de Julho, pelo círculo de Villa Clara. Mas a jornada á Feitosa, a quinta de Sanches Lucena, demandava uma hora á cavallo, desagradavel com aquella teimosa dôr no figado ou nos rins que o filára desde a volta á Torre. E, indeciso, seguia pelo corredor, para gritar ao Bento ou á Rosa que lhe subissem ao quarto uma limonada, quando do pateo, através das varandas abertas, entrou um vozeirão, de grosso metal, que se arrastava, martellava, graçando :

— Oh sô Gonçalo! Oh sô Gonçalão! Oh só Gonçalissimo Mendes Ramires!...

Reconheceo logo o Titó, o Antonio Villalobos, seu vago parente, seu vago parceiro de voltarete na Assembléa de Villa Clara, onde aquelle colosso excellente se estabelecera, havia onze annos, sem motivo, só por affeição bucolica á villa — que os seus vastos membros atulhavam, e o seu fallar retumbante, e a sua espalhada ociosidade pelas humbreiras das lojas, pelos balcões das tabernas, nas sacristias a caturrar com os padres, no cemiterio a philosophar com o coveiro. Era um irmão do velho morgado de Cidadelhe, que lhe estabelecêra uma mesada de oito moedas para o conservar longe de Cidadelhe — e do seu sujo serralho de moças do campo, e da obra tenebrosa a que se atrellára, uma Inquirição sobre as bastardias, crimes e titulos illegítimos das familias fidalgas de Portugal. E Gonçalo, desde estudante, apreciára sempre aquelle Hercules bonacheirão

que o seduzia pela prodigiosa força, a incomparavel potencia em beber todo um pipo e em comer todo um anho, e sobretudo pela independencia, uma suprema independencia, que, apoiada ao bengalão terrífico e com as suas oito moedas dentro da algibeira, nada temia e nada desejava, nem da Terra nem do Céu. — Acudindo á varanda, Gonçalo gritára :

— Oh Titó, sobe!... Sóbe enquanto eu me visto. Tomas um calice de genebra... Vamos depois em passeata até aos Bravaes.

O Titó, sentado no rebordo do tanque redondo e sem agua que ornava o pateo, com a face barbuda erguida para o casarão, movendo como um leque o velho chapéo de palha, considerou um momento Gonçalo, n'aquelle seu estranho habito de encarar os amigos profundamente antes de despedir o vozeirão temeroso :

— Não posso... Ouve lá! Tu queres hoje á noite cear no Gago, commigo e com o João Gouveia? Vae tambem o Videirinha e a viola. Temos uma tainha assada, uma famosa... E enorme, que eu comprei esta manhan a uma mulher da Costa por cinco tostões... Assada pelo Gago! Entendido, heim? O Gago abre pipa nova do vinho do Abbade de Chandim. Eu conheço o vinho... É d'aqui, da ponta fina.

E Titó, com dous dedos, delicadamente, ternamente, sacudiu a ponta molle da orelha. Mas Gonçalo, repuxando as pantalonas que lhe escorregavam da cinta, hesitava :

— Homem, eu tenho andado estes dias com o estomago arrazado.... Dôres nos rins, ou no figado, ou no baço, não sei bem, n'uma dessas entranhas!... Até hoje ordenei para o jantar caldo de gallinha e gallinha cosida... Emfim! vá! Mas, á cautéla, encommenda para mim um frango assado. Onde nos encontramos?... Na Assembléa?

O Titó despegára logo do tanque, pousando na nuca o chapéo de palha :

— Hoje não me gasto pela Assembléa.... Tenho senhora. Das dez para as dez e meia, no Chafariz... Vae tambem o Videirinha com a viola. Viva!... Das dez para as dez e meia! Entendido... Franguinho assado para S^a Ex^{cia}.

E atravessou o pateo, com lentidão bovina, parando a colher n'uma roseira, junto ao portão,

uma rosa com que florio a quinzena de velludilho côr d'azeitona.

Immediatamente Gonçalo decidira não jantar, certo dos beneficios d'aquelle jejum até ás dez horas, depois de um passeio pelos Bravaes e pelo fresco valle da Riosa. E, antes de entrar no quarto para se vestir, empurrou a porta envidraçada, sobre a escura escada da cozinha, gritou pela Rosa cozinheira. Mas nem a boa velha, nem o Bento por quem depois berrou furiosamente, responderam, no pesado silencio em que jaziam, como abandonados, esses sombrios fundos de grande lage e grande aboboda, que restavam do incendio do Palacio no tempo de El-Rei D. José I. Então Gonçalo desceu dous degrãos da gasta escadaria de pedra, e atirou outro dos rijos brados com que atroava a Torre — desde que as campainhas andavam desmanchadas. E descia ainda para invadir a cozinha quando a Rosa acudio, clamando que sahira para o pateo da horta, com a filha da Crispola, e não sentira o Sr. Doutor!...

— Pois estou a berrar ha uma hora! E nem você nem Bento!... É por que não janto. Vou ceiar a Villa Clara com os amigos. Estou ainda enfartado e não janto...

A Rosa, do sonoro fundo do corredor, protestou, desolada... Pois o menino ficava assim em jejum até horas da noite? — Filha d'um antigo hortelão da Torre, crescida na Torre, já cozinheira da casa quando Gonçalo nascêra, sempre o tratara por « menino » e mesmo por « seu riquinho » até que elle partio para Coimbra e começou a ser, para ella e para o Bento, o « Sr. Doutor » : mas voltava á doce familiaridade de « menino » (como quando Gonçalo, sobre os seus joelhos, rapava os tachos de marmellada) sempre que alludia ás cousas que lhe eram sagradas, a familia, a saude e o appetite dos Ramires. — E o menino, ao menos, devia tomar o caldinho de gallinha, que apurara desde o meio dia e rescendia que nem feito no ceo!

Gonçalo, que nunca discordava da Rosa ou do Bento, consentio. E já subia quando reclamou ainda a Rosa para se informar da Crispola. Era uma desgraçada mulher a quem morrêra o marido; depois embarcara para o Brazil um filho, rapazote forte e de bom trabalho; depois, com um rancho faminto de crianças, adoecera ella pelo S. Pedro, de febres perniciosas.

— A Crispola vae melhor, Sr. Doutor. Já se levanta. Diz a pequena que já se levanta... Mas muito derreadinha... Ah, muito derreadinha!

Gonçalo desceu logo um degrau, debruçado na escada, para mergulhar mais confidencialmente n'aquellas tristezas :

— Olhe, oh Rosa, então se a pequena ahi está, coitada, que leve para casa á mãe a gallinha que eu tinha para jantar. E o caldo... Que leve a pa-

nella! Eu tomo uma chavena de chá com biscoitos. E olhe! Mande tambem dez tostões á Crispola... Mande quinze. Escute! Mas não lhe mande a gallinha e o dinheiro assim seccamente... Diga que estimo as melhoras, e que lá passarei por casa para saber. E esse animal desse Bento que me suba agua quente!

No quarto, em mangas de camisa, deante do espelho, um immenso espelho rolando entre columnas douradas, estudou a lingua que lhe parecia saburrosa, depois todo o branco dos olhos, receiando a amarrellidão que annuncia a bilis solta... E terminou por se contemplar na sua feição nova, agora que rapára a barba em Lisboa, conservando o bigodinho castanho, frisado e leve, e uma môsca um pouco longa, que lhe alongava mais a face aquilina e fina, sempre d'uma brancura de nata. O seu desconsolo era o cabello, bem ondeado, mas tão tenue e fraco que, apezar de todas as aguas e pommadas, começava a rarear, necessitando já risca mais elevada, « á nazarena » quasi ao meio da testa clara. E justamente nessa tarde descobria falhas mais largas :

— É infernal! Aos trinta annos estou calvo...

E todavia não se despegava do espelho, n'uma contemplação agradada, recordando mesmo a recommendação da velha Marqueza de Louredo, em Lisboa, a tia Louredo, fiel amiga de seu pobre pae : — « Oh sobrinho! o menino, assim galante e esperto, não se enterre na provincia! Lisboa está sem rapazes. Precisamos cá um bom Ramires! » — Ah! certamente não se enterraria na provincia, immovel sob a hera e a poeira triste das cousas immoveis, como a sua Torre... Mas vida em Lisboa como a comprehenderia a tia Louredo, n'um quarto do Hotel Bragança, com cadeira em São Carlos, alguns jantares nas casas que ainda nutrem, e dormentes visitas ás tias Arronches, ás primas Riba d'Ul, a toda a sua parentella historica, nos bairros velhos em que se caturra — não a appetecia. Nem mesmo a aguentaria com os dous contos de renda escassa que lhe restavam, pagas as dividas do papá. E, infelizmente, vida em Lisboa como elle a desejava e a meditara desde Coimbra, com cadeira não em São Carlos mas em São Bento, militando ruidosamente na Politica, furando finamente para o Poder, essa, diabo! muito remota a entrevia! Quasi inconquistavel, para alem de um muro alto e aspero, sem porta e sem fenda! Deputado, certamente... Mas como? Agora, com S. Fulgencio e os Progressistas no ministerio durante tres gordos annos, não voltariam Eleições Geraes. E mesmo n'alguma Eleição Suppletoria que possibilidades encontraria elle, bacharel de Julho, sem fortuna, sem influencia, e que desde Coimbra, bem levanamente, arrastado por certa elegancia de tradições, se manifestara sempre Regenera-

dor, no « Centro » da Couraça, nas correspondências para a *Gazeta do Porto*, nas verrinas contra o chefe Progressista do Districto, o Cavalleiro detestavel?... « Agora, esperar! » suspirou elle, despindo as pantalonas que atirou para o leito de pau preto. Sim! esperar, trabalhando; ganhando em consistencia social; edificando com sagacidade, sobre a base do seu immenso nome historico, uma pequenina nomeada politica; tecendo e estendendo a malha preciosa das amizades partidarias desde Santa Ireneia até ao Terreiro do Paço... Sim, mas como, tambem? « Advogue, escreva nos jornaes! » fôra o conselho vago e molle do seu chefe, o Braz Victorino. Mas advogar em Oliveira, mesmo em Lisboa, não podia, com aquelle seu horror intellectual, quasi physiologico, a autos e papelada forense! Fundar um jornal em Lisboa como o Ernesto Rangel, seu companheiro de Coimbra de casa das Carneiras — era façanha facil para o neto adorado da Sn^{ra} D. Joaquina Rangel que tinha dez mil pipas de vinho nos armazens de Gaia. Batalhar n'um jornal de Lisboa?... N'essas semanas de capital, com toda a gente nas Praias e nas Aguas, nem podera sequer começar relações uteis nos dous grandes Diarios Regeneradores, a *Manhã* e a *Verdade*... De sorte que, realmente, n'esse muro que o separava da fortuna só descobria um buraquinho, bem apertado, mas bem serviçal — os *Annaes de Litteratura e d'Historia*, com a sua collaboração de Professores, de Politicos, até d'um Ministro, até de um Almirante, o Guerreiro Araujo, esse tocante massador. Apareceria pois nos *Annaes* com a sua Torre, revelando imaginação, um saber rico. Depois, deslizando da Invenção para o terreno mais respeitavel da Erudição, daria um estudo (que lhe lembrara no comboio ao voltar de Lisboa) sobre as « Origens Visigothicas do Direito Publico em Portugal »... Nada conhecia, é certo, d'essas Origens, d'esses Visigodos. Mas, com a bella historia da *Administração Publica em Portugal*, que lhe emprestara o Pinheiro, comporia corrediamente um resumo elegante... Depois, saltando da Erudição ás Sciencias Sociaes e Pedagogicas — por que não uma « Reforma do Ensino Juridico em Portugal » em dous artigos graves, massudos, de Homem d'Estado?... Assim avançaria, bem chegado aos Regeneradores, construindo e ciselando o seu pedestal litterario, até que os Regeneradores voltassem ao Ministerio, e no muro se escancarasse uma porta triumphal. — E no meio do quarto, com as mãos nas ilhargas, Gonçalo Mendes Ramires concluiu pela necessidade de apressar ardentemente a sua Novella.

— Mas, se assim continuo, quando erguerei eu essa Torre? E é tambem do estomago, ou do figado... Toda esta estupidez em que ando ha dias vem de baixo, da entranha!

O Bento, velho muito aceado na sua jaleca de ganga, de face morena e rapada, com um lindo cabello já branco todo encarapinhado, entrara, vagarosamente, segurando a infusa d'agua quente.

— Oh Bento, ouve lá! Tu não encontraste na mala que eu trouxe de Lisboa um frasco de vidro, com um pó branco? É um remedio inglez que me deu o Sr. Doutor Mattos... Tem um rotulo em inglez, com um nome inglez, não sei quê, *fruit salt*... Quer dizer sal de fructas...

O Bento cravou no soalho os olhos, que depois cerrou, meditando. Sim, no quarto de lavar, em cima do bahú vermelho, ficara um frasco com pó, embrulhado n'um pergaminho como os do Archivo. Até elle pensara que seria algum pó novo, arranjado pelo Sr. Doutor em Lisboa para avivar os papeis desbotados.

— É esse! exclamou Gonçalo. Eram uns documentos que eu precisava em Lisboa por causa d'aquelle malvado fôro de Praga... E por engano, na pressa, levo do Archivo um pergaminho perfeitamente inutil! Vae buscar o rolo... Mas tem cuidado com o frasco!

O Bento, cuidadoso, sempre lento, ainda trouxe as botas do Sr. Doutor. Depois enfiou os botões, duas bolas d'agatha, nos punhos da camisa do Sr. Doutor. Depois sacudio, dobrou a quinzena de linho e as pantalonas do Snr. Doutor. E Gonçalo, retomado pela idéa de artigos para os *Annaes*, folheava rente á janella, em ceroulas, o livro que Pinheiro lhe emprestara em Lisboa, a *Historia da Administração Publica em Portugal*, quando Bento voltou com um rolo de pergaminho, d'onde pendia, por fitas roidas, um vetusto sello de chumbo.

— Com pó branco, assim embrulhado em documentos, affirmou elle mirando o rolo, não vinha outro na mala... Ha uma garrafinha, mas d'Agua Vegetal, para a careca.

O Fidalgo pousara logo o volume no poial de pedra da janella :

— É esse mesmo, que eu enrolei no pergaminho para se não quebrar! Desembrulha, deixa em cima da commoda... O Sr. Dr. Mattos aconselhou que o tomasse com agua tepida, em jejum. Parece que ferve... E limpa o sangue, desannuvia a cabeça... Experimenta tambem, Bento. E dize á Rosa que tome. Todos tomam agora, até o Papa!

Com cuidado, o Bento desenrolara o frasco, estendendo sobre o marmore da commoda o pergaminho duro, onde a letra do seculo XVI s'inteiriçava, amarella e morta. E Gonçalo, abotoando o colarinho :

— Ora ahi está o que eu levo preciosamente para deslindar o fôro de Praga!... Um pergaminho do tempo de D. Sebastião... Nem percebo o que diz a não ser « D. Sebastião, pela graça de Deus, Rei de Portugal... » E depois em baixo a assignatura « El-Rei... » A data, mil e quatrocentos

tos... Não, mil e quinhentos e setenta e sete. Nas vespersas da jornada d'Africa... Emfim! servio para embrulhar o frasco.

Então o Bento, que escolhera no gavetão um collete branco, relanceou de lado o pergaminho veneravel:

— Naturalmente foi carta que El-rei. D. Sebastião escreveu a algum avosinho do Sr. Doutor...

— Naturalmente, murmurava o Fidalgo, deante do espelho. E para lhe dar alguma cousa boa, alguma cousa gorda... Antigamente ter rei era ter renda. Agora... Não apertes tanto essa fivella, homem! Trago ha dias o estomago inchado... Agora, com effeito, esta instituição de Rei anda muito safada, Bento!

— Parece que anda, observou gravemente o Bento. Tambem o *Seculo* affiança que os Reis estão a acabar, e por dias... Ainda hontem affiançava. E o *Seculo* é jornal bem informado... No de hoje, não sei se o Sr. Doutor leu, lá vem a grande festa dos annos do Sr. Sanches Lucena, e o fogo de vistas, e o brodio que deram na *Feitosa*...

Enterrado no divan de damasco, Goncalo estendera os pés ao Bento que lhe lançava as botas brancas:

— Esse Sanches Lucena é um idiota! Ora que arranjo fará a esse homem, aos sessenta annos ser deputado, passar mezes em Lisboa no Francfort, deixar a quinta, abandonar as propriedades?... E para quê? Para rosñar de vez em quando « apoiado! » E por Sanches Lucena... O Joaquim amanhã que me tenha a egoa prompta a esta hora, para eu ir á *Feitosa* visitar esse animal... E ponho então o fato novo de montar que trouxe de Lisboa, com as polainas altas. Ha mais de dous annos que não vejo a D. Anna Lucena... É uma linda mulher!

— Pois quando o Sr. Doutor estava em Lisboa, elles passaram ahi, na caleche... Até pararam, e o Sr. Sanches Lucena apontou para a Torre, a mostrar á senhora... Mulher muito perfeita! E traz uma grande luneta, com grande cabo, todo d'oiro...

— Bravo!... Deita ahi agua de Colonia no lenço... Mais! Encharca bem, que tenho a cabeça pesada!... Essa D. Anna era uma jornaleira, uma moça do campo, de Corinde?

Bento protestou, com o frasco suspenso, espantado para o Fidalgo:

— Não senhor! A Snr^a. D. Anna Lucena é de gente muito baixa! Filha d'um carniceiro d'Ovar... E o irmão andou a monte por ter morto o ferrador d'Ilhavo.

— Emfim, resumio Gonçalo, filha de carniceiro, irmão a monte, bella mulher, luneta d'oiro... Merece fato novo!

Às dez horas o Titó esperava, sentado n'um dos bancos de pedra do Chafariz, sob as olaias, com o amigo João Gouveia — que era o Administrador do Conselho de Villa-Clara. Ambos se abanavam com os chapeos, em silencio, gozando a frescura da agua lenta que docemente cantava na sombra. E a « meia » bateu, no relógio illuminado da Camara, quando Gonçalo, que se retardara na Assembléa n'um voltarete enremissado, appareceu annunciando uma fome terrivel, « a fome historica dos Ramires », e apressando a marcha para o Gago sem mesmo consentir que o Titó galgasse n'um lampejo até casa, a buscar uma garrafa de velha aguardente de canna do tio Vasques da Madeira.

Mas, logo ao subirem a Calçadinha, parou elle cruzando os braços, interpellando divertidamente o Sr. Administrador do Conselho pela estupenda nomeação que o *seu* Governo, os *seus* amigos Progressistas, o *seu* honradissimo S. Fulgencio — fizera para Governador Civil de Monforte... O Antonio Moreno! O Antonio Moreno, tão justamente chamado em Coimbra Antoninha Morena, Governador Civil de Monforte!... Não, realmente, era a derradeira degradação a que podia rolar um paiz! Depois desta, para harmonia perfeita dos serviços, só outra nomeação, e urgente — a da Joanna Salgadeira, Procuradora Geral da Corôa!

E o João Gouveia, um homem pequeno, muito escuro, muito secco, de bigode duro como piassá, esticado n'uma sobrecasaca curta, o chapeo coco atirado para a orelha, não discordava... Empregado imparcial, servindo os Progressistas como servira os Regeneradores, sempre sorria, com imparcial ironia, das nomeações de bachareis novos, Progressistas ou Regeneradores, para os gordos logares Administrativos. Mas, n'este caso, sinceramente s'ennojara! Governador Civil, e de Monforte, o Antonio Moreno, que elle tantas vezes encontrara no quarto, em Coimbra, vestido de mulher, de roupão aberto, e a carinha bonita coberta de pó de arroz!... — E, travando do braço do Fidalgo que deteve, recordava a noite em que o José Gorjão, muito bebedo, de cartola e com um revolver, exigia furiosamente que o padre Justino, tambem bebedo, o casasse com o Antoninho deante d'um nicho da Senhora da Boa Morte! Mas o Titó, que esperava, floreando o bengalão, declarou áquelles senhores que sobejando o tempo para arrastarem assim na rua a conversar de Politica e d'indecencias — tambem sobrava para elle trepar a casa, e trazer a aguardente-sinha, como obra de mesiricordia. Então o Fidalgo, brincalhão, sacudio o braço do Administrador, e correu pela Calçadinha, aos corcovos, com as mãos fortemente juntas, como colhendo uma re-dea, contendo um cavallo que se empina.

E na sala alta do Gago, ao cimo da escada

esguia e ingreme que subia da taberna, a um canto da comprida mesa allumiada por dois candieiros de petroleo, a ceia foi muito conversada e alegre. Gonçalo, que se declarava miraculosamente curado pelo rijo passeio até aos Bravaes e pelas emoções do voltarete em que ganhara desesenove tostões ao Dr Venancio — começou por uma pratada d'ovos com chouriço, devorou metade da tainha, devastou o « seu frango de doente », clareou o prato da salada de pepino, findou por um montão de ladrilhos de marmelada : — e atravez d'este nobre trabalho, sem que a fina brancura da sua pelle se affogueasse, esvasiou uma caneca vidrada de Alvaralhão, porque logo ao primeiro trago, e com desgosto do Titó, amaldiçoara o vinho novo do Abbade. Á sobremesa appareceu o Videirinha, o « Videirinha da viola », tocador afamado de Villa Clara, ajudante da Pharmacia, e poeta que já imprimira versos de amor e de patriotismo no *Independente d'Oliveira*. Jantara n'essa tarde, com a viola, em casa do commendador Barros, que celebrava o anniversario da sua commenda : e, ainda empanurrado, só acceitou um copo d'Alvaralhão em que esmagou um ladrilho de marmellada « para adocicar a goella ». Depois, á meia noite, Gonçalo obrigou o Gago a espertar o lume, ferver um café « muito forte, um café terrivel, como para Voltaire, Gago amigo ! » Era essa a hora divina da viola. E já o Videirinha recuara para a sombra da sala, pigarreando, affinando os bordões, pousado com melancolia á borda d'um banco alto.

— A *Soledad*, Videirinha ! pedio o bom Titó, pensativo, enrolando um grosso cigarro.

Videirinha gemeu deliciosamente a *Soledad* :

Quando fóres ao cemiterio
Ai Soledad, Soledad !...

Depois, apenas elle findou entre « bravos », o Fidalgo da Torre e João Gouveia, com os cotovellos sobre a mesa, os charutos fumegando, conversaram sobre essa venda de Lourenço Marques aos Inglezes, preparada sorrrateiramente (conforme clamavam, arripiados de horror, os jornaes da Opposição) pelo Governo do S. Fulgencio. E Gonçalo tambem se arripiava ! Não com a alienação da Colonia, — mas com a impudencia do S. Fulgencio ! Que aquelle careca obeso, filho sacrilego d'um frade que depois se fizera mercieiro em Cabecellos, trocasse a libras, para se manter mais dois annos no Poder, um pedaço de Portugal, torrão augusto, trilhado heroicamente pelos Gamas, os Athaydes, os Castros, os seus proprios avós — era para elle uma abominação que justificaria todas as violencias, mesmo uma revolta, é a casa de Bragança enterrada no lodo do Tejo ! Trincando, sem parar, amendoas torradas, João Gouveia observou :

— Sejamos justos, Gonçalo Mendes ! Olhe que os Regeneradores...

O Fidalgo sorrio, superiormente. Ah ! se os Regeneradores realisassem essa grandiosa operação — bem ! Esses, primeiramente, nunca commetteriam a indecencia de vender a Inglezes terra de Portuguezes ! Negociariam com Francezes, com Italianos, raças fraternas, povos latinos !... E depois os bons milhões soantes seriam applicados ao fomento do Paiz, com saber, com probidade, com experiencia. Mas esse horrendo careca do S. Fulgencio !... E no seu furor, engasgado, gritou por genebra, por que realmente aquelle cognac do Gago era uma peçonha torpe.

O Tito encolheu os hombros mansos :

— Não me deixaste ir buscar a aguardentesinha do tio Vasques, agora aguenta. E a genebra é ainda mais peçonhenta. Nem para os negros d'esse Lourenço Marques que tu queres vender. Portuguezes indecentes, a vender Portugal !... Até o Sr. Administrator do Conselho devia prohibir estas conversas...

Mas o Sr. Administrator do Conselho declarou que as consentia, e rasgadamente... Por que tambem elle, como Governo, venderia Lourenço Marques, e Moçambique, e toda a Costa Oriental ! E ás talhadas ! Em leilão ! Alli, toda a Africa, posta em praça, apregoada no Terreiro do Paço ! E sabiam os amigos porquê ? Pelo são principio de forte administração — (estendia o braço, meio alçado do banco, como n'um Parlamento)... Pelo são principio de que todo o proprietario de terras distantes, que elle não póde valorisar por falta de dinheiro ou gente, as deve vender para concertar o seu telhado, estrumar a sua horta, povoar o seu curral, fomentar toda a boa terra que pisa com os pés... Ora a Portugal restava ainda toda uma riquissima provincia a amanhar, a regar, a lavar, a semear — o Alemtéjo !

O Tito lançou logo o vozeirão, desdenhando o Alemtéjo como uma pellicula de terra, de má qualidade, que, fóra umas legoas de campos em torno de Béja, por um grão só dava dois, e, apenas esgaravatada, logo mostrava o granito.

— O mano João tem lá uma herdade, immensa, immensissima, que rende trezentos mil réis !

O Administrator, que nascera em Beja, pulava. O Alemtéjo !... Provincia abandonada, sim ! Abandonada desde seculos pela imbecilidade dos Governos... Mas fertilissima !

— Pois então os Arabes... E qual Arabes ! Ainda ha dias o Freitas Galvão me contava...

Mas Gonçalo Mendes, que cuspira a genebra com uma carantonha, acudiu, resumindo, condemnando todo o Alemtéjo como uma desgraçada illusão !

Estirado por sobre a mesa, o Administrator gritava :

- Você já lá esteve?
- Também nunca estive na China, e...
- Só a vinha espantosa que plantou o João Maria...
- Quê! Mas legoas e legoas sem...
- Um celleiro!
- Uma charneca!

E atravez do tumulto o Videirinha, repen-
cando com solitario ardor, levado na torrente
d'ais do « fado » da Ariosa, soluçava contra uns
olhos negros, donos do seu coração:

Ai! que dos teus negros olhos
Me vem hoje a perdição. .

O petroleo dos candieiros findava: e o Gago, reclumado para trazer castiças, surdio em mangas de camisa, detraz d'uma cortina de chita, com a sua humildade risonha, lembrando a suas Excelencias que passava da uma horasinha da noite... O Administrador, que detestava noitadas, nocivas á sua garganta (de amygdalas loucamente inflammaveis) puxou o relógio, com terror. E rapidamente reabotoado na sobrecasaca, de chapeo côco mais tombado á banda, apressou o lento Titó, por que ambos moravam no alto da Villa — elle á esquina do Correio, o outro ao fim da viella das Therezas, n'uma casa onde habitara e apparecera apunhalado o antigo carrasco do Porto.

O Titó porem não se aviava. Com o bengalão debaixo do braço, ainda chamou o Gago ao fundo sombrio da sala estreita, para cochichar sobre o embrulhado negocio d'uma compra de espingarda, soberba espingarda Winchester, empenhada ao Gago pelo filho do tabellião Guedes d'Oliveira. E, quando desceu a escadaria, encontrou á porta da taberna, no rebrilhante luar que orlava a rua adormecida, o Fidalgo da Torre e o João Gouveia bruscamente engalfinhados na costumada contenda sobre o Governador Civil de Oliveira — o André Cavalleiro!

Era sempre a mesma briga, pessoal, furiosa e vaga. Gonçalo clamando que não alludissem deante d'elle, pelas cinco chagas de Christo, a esse bandido, esse Sr. Cavalleiro e sobretudo Cavallo, mandão burlesco, que desorganizava o Districto! E João Gouveia muito teso, muito secco, com o coco mais cahido na orelha, affirmando, n'um tom silvante, a intelligencia superior do amigo Cavalleiro, que estabelecera limpeza e ordem, como Hercules, nas cavallariças d'Oliveira! O Fidalgo rugia... E Videirinha, com o violão precioso resguardado atraz das costas, supplicava os amigos que recolhessem á taberna, para não alvorotar a rua...

— Tanto mais que defronte, coitada, a sogra do Dr. Candido está desde hontem com a pontada...

— Pois então, berrou Gonçalo, não venham com disparates que revoltam! Dizer você, Gouveia, que Oliveira nunca teve Governador Civil como

o Cavalleiro!... Não é por meu pae! O papá já lá vae ha dois annos, infelizmente... E concordo que não fosse boa auctoridade... Era frouxo, andava doente... Mas depois tivemos o Visconde de Freixomil... Tivemos o Bernardino! Você servio com elle! Eram dois homens!... Mas este cavallo d'este Cavalleiro!... A primeira condição para a auctoridade superior d'um Districto é não ser burlesco. E o Cavalleiro é d'entremez! Aquella guedelha de trovador, e a horrenda bigodeira negra, e o olho languinhento a pingar namoro, e o papo empinado, e o *pó-pó-poh!*... E d'entremez! E estúpido, d'uma estupidez fundamental, que lhe começa nas patas, vem subindo, vem crescendo... Oh senhores, que animal!... Sem contar que é malandro.

Teso na sombra do immenso Titó, como uma estaca junto d'uma torre, o Administrador mordia o charuto. Depois, de dedo espetado, com uma serenidade cortante:

— Você acabou?... Pois, Gonçalinho, agora escute! Em todo o districto d'Oliveira, note bem, em todo elle! não ha ninguem, absolutamente ninguem, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavalleiro em intelligencia, character, maneiras, saber, finura politica!

O Fidalgo da Torre emmudeceu, varado. Por fim, levantando os hombros, n'um lento, arrogante desprezo:

— Isso são as opiniões d'um subalterno!

— E isso são as expressões d'um malcreado! uivou o outro, crescendo todo, com os olhinhos esbugalhados a fuzilar.

Immediatamente entre os dois, mais grosso que uma tranca, avançou o braço do Titó, estendendo uma sombra na calçada:

— Olá! Oh rapazinhos! Que desconchavo é este? Vocês estão borrachos?... Pois tu, Gonçalo...

Mas já Gonçalo, n'um d'esses seus impulsos generosos e amoveis, que tão finamente seduziam, se humilhava, confessava a sua brutalidade, sensibilizado:

— Perdõe você, João Gouveia! Sei perfeitamente que você defende o Cavalleiro por amizade, não por dependencia... Mas que quer, homem? Quando me fallam n'esse Cavallo... Não sei, é por contagio de besta... Orneio, atiro coice!

O Gouveia, sem rancor, logo reconciliado (porque admirava carinhosamente o Fidalgo da Torre) deu um puxão forte á sobrecasaca, e apenas observou « que o Gonçalinho era uma flôr, mas picava... » Depois, aproveitando a emoção submissa de Gonçalo, recomeçou a glorificação do Cavalleiro, mais sobria. Reconhecia certas fraquezas... Sim, com effeito, affectava aquelle modo impertigado. Mas que coração! E o Gonçalinho devia considerar...

O Fidalgo, de novo exaltado, recuou, erguendo as mãos espalmados:

— Escute você, oh João Gouveia? Por que é que você lá em cima, á ceia, não comeu a salada de pepino? Estava divina... Até o Videirinha a appetiteceu!... Eu repeti, acabei a travessa. Por que foi?... Por que você tem horror physiologico, horror visceral ao pepino! A sua natureza e o pepino são incompatíveis. Não ha raciocínios, não ha subtilizas, que o persuadam a admittir lá dentro o pepino... Você não duvida que elle seja excellente, desde que tanta gente de bem o adora. Mas você não pôde. Pois eu estou para o Cavalleiro

sempre pela estrada até á porta da Torre), João Gouveia ainda se voltou, pendurado do braço do Titó, para lhe lembrar um preceito moral, « de não sei que philosopho »:

— « Não vale a pena estragar grande amizade por causa de pequena politica... » Creio que é d'Aristoteles!

E até o Videirinha, que de novo afinava a viola, se preparava para um solto descante ao luar, até á Torre, murmurou respeitosamente, por entre abafados harpejos :



como você para o pepino. Não posso! Não ha molhos, nem razões, que m'o disfarcem... Para mim é ascoroso. Não vae! Vomito!... E agora ouça...

Então Titó, que bocejava, interveio, já farto :

— Bem! Parece-me que apanhamos esta noite a nossa dóse de Cavalleiro, e valente! Somos todos muito boas pessoas e só nos resta debandar. Eu tive senhora, tive tainha... Estou derreado. E Dona Madrugada já accordou, não tarda ahí uma Ave-Maria!

O Administrador pulou. Oh Diabo! E elle, ás nove horas da manhã, com commissão de recenseamento!... Mas, quando o Fidalgo descia para o Chafariz com o Videirinha (que o acompanhava

— Não vale a pena, Sr. Doutor... Realmente não vale a pena, por que em Politica hoje é branco, amanhã é negro, e depois, zás, tudo é nada!

O Fidalgo encolhera os hombros. A Politica! Como se elle pensasse na Auctoridade, no Sr. Governador civil d'Oliveira — quando ultrajava o Sr. André Cavalleiro, de Corinde!... Não! o que detestava era o homem, o falso homem d'olho langoroso! Por que entre elles existia um d'esses fundos agravos que outr'ora, no tempo dos Tructesindos, armavam um contra o outro, em dura arrancada de lanças, dois bandos senhorias... — E pela estrada, com a lua no alto dos oiteiros de

Valverde, em quanto no violão do Videirinha tremia o choro lento do fado da Ariosa, Gonçalo Mendes recordava, aos pedaços, aquella historia que tanto enchera a sua alma desoccupada. Ramires e Cavalleiros eram familias vizinhas, uma com a velha torre em Santa Ireneia, mais velha que o Reino — a outra com quinta bem tratada e rendosa em Corinde. E quando elle, rapaz de deztoito annos, entrouxava os preparatorios do Lyceu, o André Cavalleiro, então estudante do Terceiro-Anno, já o tratava como um amigo serio... Durante as ferias apparecia todas as tardes na Torre; e muitas vezes, sob os arvoredos da quinta ou passeando pelos arredores de Bravaes e Valverde, lhe confiava, como a um espirito maduro, as suas ambições politicas, as suas idéas de vida grave. Gracinha Ramires fizera então dezeseis annos, e mesmo em Oliveira lhe chamavam a « flôr da Torre ». Ainda tambem vivia a governante ingleza de Gracinha, a boa Miss Rhodes — que, como todos na Torre, admirava com enthusiasmo o André Cavalleiro, pela sua amabilidade, a sua tenebrosa cabelleira romantica, a doçura quebrada dos seus olhos largos, a sua maneira ardente de recitar Victor Hugo e João de Deus. E, com essa fraqueza que lhe amollecia a alma e os principios perante a soberania do Amor, favorecerera demoradas conversas de André com Maria da Graça sob as olaias do Mirante, e mesmo cartinhas trocadas ao escurecer por sobre o muro baixo da Mãe d'Agua! Todos os domingos o Cavalleiro jantava na Torre: — e o velho procurador Rebello já preparara, com esforço e resmungando, um conto de réis para o enxoval da « menina ». O pae de Gonçalo, então Governador civil do Districto, sempre atarefado, enredado em Politica e em dividas, amanhecendo só na Torre aos Domingos, approvava esta collocação de Gracinha, que, meiga e romanesca, sem mãe que a velasse, creava na sua vida, já difficil, um tropeço e um cuidado. Sem representar como elle uma familia de grande Chronica, anterior ao Reino, do mais fino sangue de reis godos, Luiz Cavalleiro era um moço bem nascido, filho de general, neto de desembargador, com um brasão legitimo na sua casa apalaçada de Corinde, e terras largas em redor, de boa sementeira, bem limpas de hypothecas... Depois, sobrinho do Reis Gomes, um dos Chefes progressistas, já filiado tambem no Progressismo (desde o Segundo Anno da Universidade), a sua carreira andava marcada, com segurança e brilho, na Politica e na Administração. E emfim Maria da Graça amava ardentemente aquelles reluzentes bigodes, os hombros fortes de Hercules bem educado, o porte ufano que lhe encorajava o peitilho e que impressionava. Ella, em contraste, era pequenina e fragil, com uns olhos timidos e esverdeados que o sorriso

humedecia e enlanguecia, uma transparente pelle de porcelana fina, e cabellos magnificos, mais duros e negros que a cauda d'um corcel de guerra, que lhe rolavam até aos pés, em que se podia embrulhar toda, assim macia e pequenina. Quando desciam ambos as alamedas da quinta, miss Rhodes (que o pae, professor de Litteratura grega em Manchester, recheara de Mithologia) pensava sempre em « Marte cheio de força amando Psyché cheia de graça ». E mesmo os criados da Torre s'enlevavam no « lindo par! » — Só D. Joaquina Cavalleiro, a mãe de André, senhora obesa e pomposa, detestava aquelle casamento, dando como motivo, muito seccamente, « desconfiar da pinta da menina »... Felizmente, quando André Cavalleiro se matriculou no Quinto Anno, a austera matrona morreu depois d'uma ceia de mechilhões e murcellas. Gracinha tomou luto: e mesmo Gonçalo, companheiro de casa do Cavalleiro no largo da Sé Velha, enrolou um fumo na manga da batina. Logo em Santa Ireneia se pensou que a « flôr da Torre » seria pedida pelo seu esplendido André depois do Acto de Formatura. Mas, findo esse desejado Acto, o galante Cavalleiro abalou para Lisboa — por que se tramavam Eleições em Outubro, e elle recebera do tio Reis Gomes, então Ministro da Justiça, a promessa de « ser deputado » por Bragança.

E todo esse verão o passou na Capital, depois em Cintra onde o negro langor dos seus olhos humidos amollecia corações, depois n'uma jornada quasi triumphal a Bragança, com foguetes, e « vivas ao sobrinho do Sr. conselheiro Reis Gomes! » Em Outubro Bragança confiou ao dr. André Cavalleiro (como escreveu o *Echo de Traz-os-Montes*) o direito de os representar em Córtes com os seus conhecimentos litterarios e a sua formosa presença de orador... » Recolheu então a Corinde; mas nas suas visitas á Torre, onde o pae de Gracinha convalescia d'uma febre gastrica que exacerbava a sua antiga diabetes, André já se não embrenhava sofregamente com Gracinha, como outr'ora, sob os castanheiros da quinta, permanecendo de preferencia na sala azul, a conversar de Politica junto de Vicente Ramires, que se não movia da poltrona, embrulhado n'uma manta. E Gracinha, nas suas cartas para Coimbra a Gonçalo, já se carpia de não serem tão doces nem tão intimas as visitas do André á Torre, « occupado, como andava sempre agora, a estudar para deputado... » Depois do Natal o Cavalleiro partiu para Lisboa, para a abertura das Córtes, levando uma egua branca que comprara no Porto. E a boa Miss Rhodes sustentava que o « formoso Marte », como convinha a um heróe, só reclamaria a « doce Psyché » depois d'um nobre feito, uma estreia nas Camaras, « n'um discurso lindo, todo flôres... » Quando Gonçalo, nas ferias da Paschoa, appareceu na Torre, encontrou Gracinha inquieta e

descorada. As cartas do seu André, que se estreara, « e n'um discurso lindo, todo flôres... », eram cada semana mais curtas, mais calmas. E a ultima (que ella lhe mostrou) datada da Camara, em tres linhas mal rabiscadas, contava « que tivera muito que trabalhar em commissões, que o tempo continuava lindo, que n'essa noite era o baile dos condes de Villaverde, e que elle se assignava com muitas saudades, o seu fiel, André... » Gonçalo Mendes Ramires perguntou ao pae, que definhava na sua poltrona :

— O papá não lhe parece que o André se está portando muito mal com a Gracinha?

Vicente Ramires apenas moveu, n'um gesto de vencida tristeza, a mão descarnada, d'onde a cada momento lhe escorregava o anel d'armas.

Por fim em Maio a sessão das Camaras terminou — essa sessão que tanto interessara Gracinha, anciosa « que elles acabassem de discutir e tivessem ferias! » E quasi immediatamente ella em Santa Ireneia, Gonçalo em Coimbra souberam, pelos jornaes que « o talentoso deputado André Cavalleiro partira para Italia e França n'uma longa viagem de recreio e d'estudo ». E nem uma carta á sua noiva!... Era um ultrage, um bruto ultraje, que outr'ora, no seculo XII, lançaria todos os Ramires, com homens de cavallo e peonagem, sobre o solar dos Cavalleiros, para deixar cada trave denegrada pela chamma, cada servo pendurado d'uma corda de canave... Agora Vicente Ramires, mortalmente indifferente, murmurou apenas : « Que traste! » Elle em Coimbra, rugindo, jurou simplesmente esbofetear um dia o infame! A boa miss Rhodes, para se consolar, colheu a sua velha harpa, encheu Santa Ireneia de magoados harpejos. E tudo findou nas lagrimas que Gracinha, durante semanas, tão desconsolada da vida que nem se penteava, escondeu sob as olaias do Mirante.

E ainda depois d'esses annos, a esta lembrança das lagrimas da irmã, um rancor invadio Gonçalo, tão redivivo que atirou para o lado, para sobre as piteiras, uma bengallada, como se ellas fossem as costas do Cavalleiro! Caminhavam então junto á ponte velha da Portella, onde os campos se alargam, e da estrada se avista Villa-Clara, que a lua branqueava toda, desde o convento de Santa Thezeza, rente ao Chafariz, até ao muro novo do cemiterio, no alto, com os seus finos cyprestes. Para o fundo do valle, clara tambem no luar, era a Egrejinha de Craquêde, Santa Maria de Craquêde, resto do antigo Mosteiro, em que ainda jaziam, nos seus rudes tumulos de granito, as grandes ossadas dos Ramires Affonsinos. Sob o arco, docemente, o riacho lento sussurava na sombra. E o Videirinha, enlevado n'aquelle silencio e suavidade saudosa, cantava, n'um gemer surdo de bordões :

Baldadas são tuas queixas,
Escusados são teus ais,
Que é como se eu morto fôra,
E não me verás nunca mais!...

E Gonçalo, retomando as suas recordações, revivia tristezas que depois cahiram sobre a Torre. Vicente Ramires morrera n'uma tarde d'Agosto, sem soffrimento, estendido na sua poltrona á varanda, com os olhos cravados na velha Torre, murmurando : — « Mais um Ramires que vae, e ella cá fica... » Todas essas ferias as consumiu Gonçalo no escuro cartorio, desajudado (por que o procurador, o bom Rebello, tambem Deus o chamara) revolvendo papeis, verificando o estado da casa — reduzida a dois contos e seiscentos mil réis da renda, de foros e das duas quintas historicas, Treixedo e Santa Ireneia. Quando voltou para Coimbra deixou Gracinha em Oliveira, em casa de uma velha prima, D. Arminda Nunes Viegas, senhora muito abastada e muito bondosa, que habitava no Terreiro da Louça um antigo casarão, cheio de retratos d'avoengos e de arvores de costado, onde ella, vestida de velludo preto, sentada n'um camapé de damasco, entre aias que fiavam, perpetuamente relia os seus livros de cavallaria, o *Amadis*, o *D. Sol*, as *Chronicas do Imperador Clarimundo*. Foi ahi que José Barrôlo (sobrinho de D. Arminda) conheceu Gracinha, e a amou com uma paixão profunda, quasi religiosa — estranha n'aquelle moço vagaroso, gorducho, de bochechas coradas como uma maçã, tão simples e escasso d'espírito que os amigos lhe chamavam « o José Bacôco ». O romance triste da « Flôr da Torre » nunca se espalhara para alem dos arredos de S^{ta} Ireneia. E o casamento rapidamente se concluiu, em tres mezes, depois d'uma carta de Barrôlo a Gonçalo Mendes Ramires em que lhe jurava — « que a affeição pura que tinha pela prima Graça, pelas suas virtudes e outras qualidades respeitaveis, era tão grande que nem achava no Dicionario termos para a explicar »... Houve uma luxuosa bôda : e os noivos ficaram vivendo em Oliveira, á esquina do largo d'El-Rei e da rua das Tecedeiras, n'um palacete que o Bacôco herdara do seu tio Melchior, da casa da Lobeira. Dois annos correram, mansos e sem historia. E Gonçalo Mendes Ramires passava justamente em Oliveira as suas ultimas ferias de Paschoa quando André Cavalleiro, nomeado Governador Civil do Districto, tomou posse, muito festivamente, com foguetes, o velho Casarão do Governo civil e o Paço do Bispo illuminados, e as armas dos Cavalleiros em transparentes no caffè da Arcada e na Recebedoria... Barrôlo (apezar de ter vivido até então em Amarante com a mãe) conhecia o Cavalleiro, admirava o seu talento, a sua elegancia, a sua bella carreira politica. Mas Gonçalo Mendes Ramires, que dominava sobera-

namente o bom Bacôco do alto da sua Litteratura e da sua Torre, immediatamente o intimou a não visitar o Cavalleiro, a não o saudar sequer na rua, e a partilhar, por dever d'alliança, os rancores que existiam entre Cavalleiros e Ramires. José Barrôlo cedeu, submisso, sem comprehender, dizendo a Gracinha :

— Que tolíce esta do Gonçalo, hein? Por causa de Politica!... Ora vê tú! Um bello rapaz como o Cavalleiro... Pódiamos fazer um ranchinho agradavel...

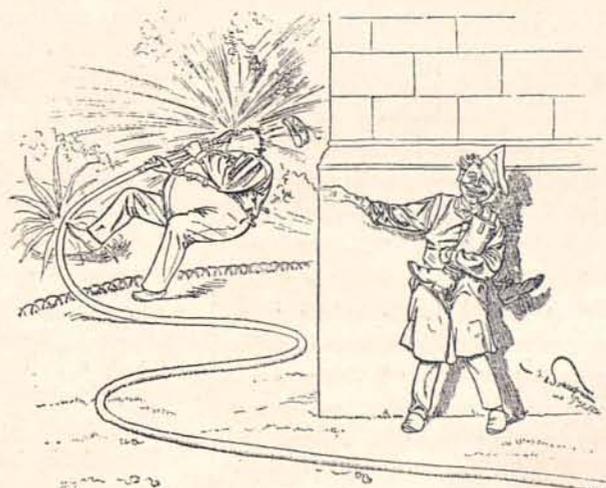
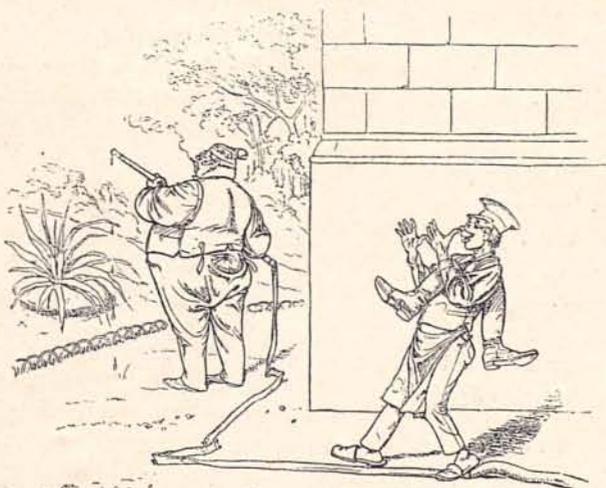
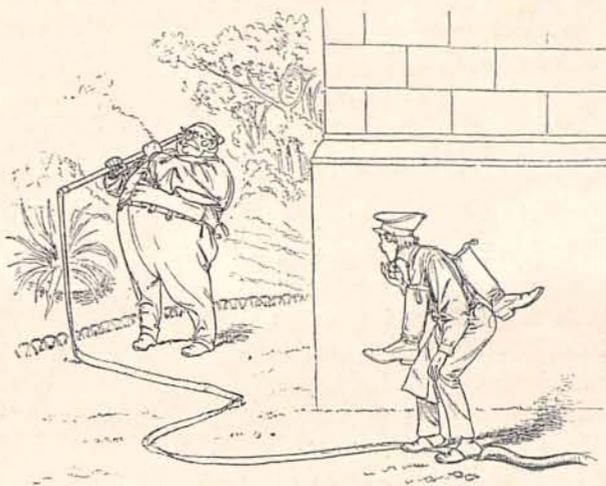
Outro anno passou... E n'essa primavera, em

Oliveira, onde elle ficara com a irmã umas semanas depois da festa dos annos de Barrôlo, eis que Gonçalo suspeita, fareja, descobre uma incomparavel infamia! O homem odioso da bigodeira negra, o Sr. André Cavalleiro, recomeçara, com soberba impudencia, a cortejar Gracinha Ramires, de longe, mudamente, em olhadellas fundas, pesadas de fluido, preparado a apanhar como amante aquella grande fidalga, aquella Ramires, que não quizera como esposa!

(Continua.)

EÇA DE QUEIROZ.

HISTORIA COMICA



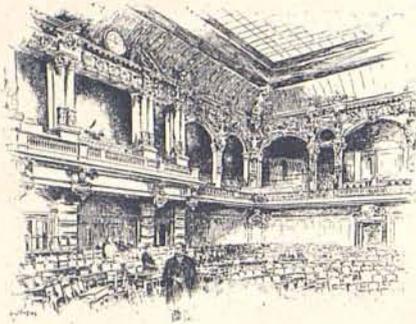
UM REGADOR ENTUPIDO

(Do Fliegende Blätter.)

NOTICIARIO ILLUSTRADO

Os Paramentos do mundo.

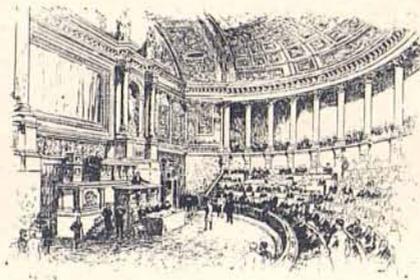
A construcção de um recinto que satisfaça a todas as condições exigidas em um parlamento, não é problema de facil resolução. Uma nação



Reichstag (Berlim).

grande e poderosa procura, naturalmente, revelar nos seus edificios legislativos a sua grandeza e a sua magnificencia; o exterior de um Senado ou de uma Camara de Deputados deve, portanto, dar ao estrangeiro que visita uma capital importante, uma impressão de belleza, de estabilidade e de magestade. Sob este ponto de vista, nenhum paiz do mundo póde, seguramente, competir com os Estados-Unidos da America. Mas, comquanto o edificio deva testemunhar no exterior a prosperidade e a importancia da nação, é preciso que a necessidade dos trabalhos não seja sacrificada á riqueza. É absolutamente necessario que cada deputado ou senador distinctamente perceba a palavra de quem discursa, assim como tudo quanto dizem o presidente e o secretario; no emtanto, muitos parlamentos existem em que, desprezadas todas as condições acusticas, reina continua confusão. Outro lado do problema, que convem ser seriamente discutido, é o que se refere ás galerias, destinadas á curiosidade dos espectadores, que, de continuo, entram e saem. Devem ellas ser, naturalmente, largas e espaçosas, mas não é razoavel que permitam grande accumulacão de povo, o qual muitas vezes com seu entusiasmo prejudica a marcha dos trabalhos; demais, se centenas de pessoas puderem ser admitidas, occasionam forçosamente muita confusão. Deveria ser indispensavel requisito que cada membro ivesse um logar onde sentar-se, circumstancia esta a que muitos parlamentos não attendem, e nos quaes apenas se senta a metade dos representantes. Em muitas camaras vê-se

collocada em frente a cada deputado ou senador uma pequena mesa, apropriada á guarda de papeis e á correspondencia; isso, que póde ser em extremo commodo para o membro legislativo, tem o inconveniente de occupar muito espaço, e a facilidade que offerece á leitura e á elaboraçã de cartas é, sem duvida, motivo de distraçã, que póde de alguma sorte ser prejudicial. Assim, a par de incontestaveis vantagens, offerecem os mesmos elementos, reaes e indiscutíveis inconvenientes. Deve, em resumo, uma sala de parlamento ser magestosa, séria, rica, si fôr possível, mas sem que á riqueza se sacrificuem as exigencias do serviço; deve ser construida de maneira que o debate possa ser nitidamente ouvido por todos os representantes; convem que haja sufficiente espaço, já para os espectadores, já para os jornalistas ou reporters, attrahidos ás sessões pelas necessidades do officio.



Camara dos Deputados (Pariz).

No continente europeu ha nos recintos legislativos uma disposiçã que não se conhece na Inglaterra nem na America. É a tribuna, collocada em frente ao representante que preside, e da qual fallam os oradores; na Inglaterra, do mesmo modo que nas republicas americanas, o deputado falla de seu logar. Assim, n'estes paizes o problema offerece, para a sua soluçã, mais uma dificuldade, porquanto é preciso que, mudando-se continuamente o ponto de emissã da voz, seja todo o recinto dotado com uniformidade do mesmo effeito acustico.

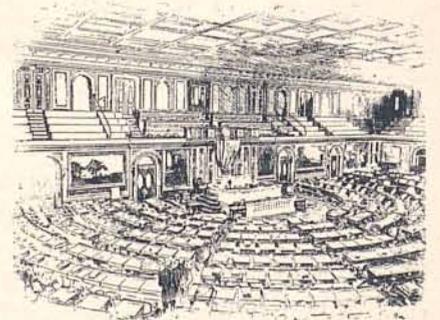
Fazendo ligeira e superficial analyse de algumas casas de Parlamento, lembramos que o imperio allemão, o qual conta uma populaçã de 52 milhões, tem no Reichstag 397 membros. Esta sala mede 126 pés sobre 87, incluindo as galerias. A cadeira da presidencia, collocada em um dos lados maiores do rectangulo, domina todo

o recinto. Os deputados sentam-se em bancos. Um pouco adiante do presidente, acha-se o secretario, com todos os apetrechos stenographicos, e, em frente, a tribuna dos oradores. Não ha no recinto o declive que se nota nas salas de Parlamento americanas; lateralmente, amplas galerias são reservadas aos espectadores,

Em Pariz a sala dos Deputados, no Palacio Bourbon, é em semi-circulo. Á direita sentam-se o presidente e os secretarios, e se acha a tribuna. O diametro do circulo é de 32 metros, e a altura de 22 metros. Os membros collocam-se em amphitheatro, tendo ante si uma pequena mesa; as galerias são situadas em torno, em meio circulo, e são divididas por columnas. Ha muita confusão, por haver exagerado espaço. Não poderia ser, como effectivamente não é, uma assembléa tranquilla.

A Italia, que possui uma populaçã de 31 milhões, apresenta 508 Deputados. Não tem tribuna para os oradores o Parlamento de Roma, mas, em seu aspecto geral, assemelha-se ao de Pariz, sendo, porém, um pouco maior.

Em todas as assembléas de que rapidamente nos temos occupado, a maioria constitúe um *quorum*. A Camara dos Communs, em Londres, foi edificada no intuito de um trabalho sério. O *quorum* ali é apenas de 40, sendo, aliás, em numero de 670 os deputados, sobre uma populaçã de 40 milhões. Em vez de alargar essa assembléa em um vasto recinto, onde todos pudessem fallar e poucos ser ouvidos, ha sómente 306 cadeiras. Si o ensejo se offerece para um grande debate, si é discutida uma questão bastante importante para attrahir a



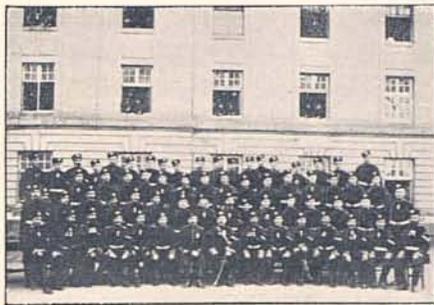
Camara dos representantes (Washington).

atencã de todo o imperio e, portanto, si á sessão concorrem mui numero, sos deputados, ficam de pé ou se sentam nas galerias aquelles que não acharam collocã nas cadeiras.

Os espectadores são admitidos, porém muito moderadamente, existindo accommodações para cerca de cem pessoas, ou, incluindo reporters, para 263. Até recentemente eram estes admitidos por condescendencia, podendo ser expellidos, si um membro do Parlamento assim o exigisse. Ordinariamente estão os representantes dispersos, acudindo pressurosos á campainha electrica do *quorum*. O resultado d'essas disposições é que na Camara dos Communs qualquer som é facilmente percebido, podendo chegar ao ouvido do presidente o volume de voz mais diminuto. Não ha mesas, e os assentos são bancos, que sobem do centro para os lados e collocados no sentido do comprimento. Ninguém tem uma locação permanente, excepto si, por extrema cortezia, lli'a concedem. Collocando o chapéo ou um cartão de visita em um lugar, depois da prece, pôde o representante reclamar-o durante aquelle dia. Não obstante suas vantagens, a Camara ingleza tem defeitos. Em 1867 houve a proposta para a construcção de outro Parlamento, mais vasto, mais comodo; essa idéa não teve andamento. A actual Camara dos Communs tem 306 assentos, e mais 124 nas galerias, isto é, 430 para os 670 membros. A sala mede 68 pés de comprimento, 44 de largura e 41 de altura.

A Camara dos Representantes, de Washington, é a maior de quantas temos descripto. Occupava anteriormente a grande sala que é hoje de Esculptura, a qual tem 90 pés de diametro. A Camara actual está no meio de um templo grego, rodeado por corredores e salas em que funcionam as diversas commissões. Mede 140 pés sobre 90, incluindo as galerias, e tem 38 pés de altura. As galerias pôdem conter 1,500 pessoas. Cada membro dispõe de bastante espaço, havendo á sua frente uma mesa sufficiente para muito papel e muitos documentos. Comprehende-se que tão vasto espaço contenha elementos de confusão. Não julgando ninguém perturbar os outros, falla em voz alta ao seu vizinho; e como cada qual nutre a mesma illusão, grita em vão o secretario sem conseguir ser ouvido. Mesmo nos momentos de silencio, que são extremamente raros, poucos oradores pôdem fazer chegar a voz até as ultimas bancadas; e deante de tão grande espaço, fatigam-

se depressa, na necessidade de quasi gritar. Varias suggestões têm sido feitas no sentido de melhorar as condições da Camara americana; já as mesas foram, durante algum tempo, retiradas, mas isso não resolveu o problema. O sr. Bench, de Cleveland, apresentou um projecto, que reduz a sala a justas proporções, dando-lhe vantagens acusticas que não possúe. As salas das commissões são, no emtanto, pequenas.



Os Preobrajenski.

RECEBIDA em Pariz com entusiasmo, a 22 de novembro, deixou esta capital, entre saudações ruidosas, a banda de musica do regimento russo Preobrajenski. Sob a direcção do Sr. Friedman, musico de grande valor, foi apresentada, no dia immediato ao da sua chegada, ao presidente da Republica, tocando no Elyséo em animada e concorrida festa. Na Opera deu um concerto em beneficio, no qual tomou igualmente parte a musica da Guarda Republicana, que interpretou o hymno slavo, tocando a banda russa, como devida cortezia, a Marselleza. As duas bandas alternaram no programma. Os Preobrajenki, que são em numero de 80, fizeram-se ouvir ainda, em concertos populares, na galeria das Machinas, no Campo de Marte, e no Cirque d'Eté, nos Campos-Elyséos. Deram tambem um concerto em Rouen.

Foram hospedados na caserna da Pépinière, onde pagava cada musico 3 francos por dia; d'essa despeza quiz incumbir-se o principe Orloff.

O uniforme do regimento é elegante e simples: calça verde escuro, cahindo sobre botas pretas; jaqueta preta, com um friso branco e golla encarnada e ouro, apertada por uma cinta de couro branco; dragonas de côr encarnada e bordadas a ouro; gorra de astrakan com a cruz de S. André.

É com esse uniforme que na Russia são sepultados os Czares.

O barão Fredericks, addido militar da grande nação slava, em Pariz, é commandante honorario do regimento imperial Preobrajenski.

A questão Dreyfus.

Em meados de Novembro de 1894, o capitão Dreyfus, do estado maior general do exercito francez, foi accusado de haver revelado ao governo de uma nação estrangeira segredos da defeza nacional. Immediatamente preso, foi o official guardado, incomunicavel, na prisão militar da rua Cherche-Midi. O processo correu secretamente perante um conselho de guerra, que condemnou o capitão Dreyfus á degradação militar e á prisão perpetua em um recinto fortificado. Á primeira parte da sentença, punindo o criminoso de alta traição, acudiu uma multidão immensa. No pateo da Escola Militar deante das tropas da guarnição de Pariz e depois de lida a sentença que o degradava de seu posto e, privando-o das honras militares, o expulsava do exercito, um cabo arrancou ao capitão Dreyfus os galões de sua farda e do seu képi, préviamente descobertos para a horrivel cerimonia, e lhe quebrou a espada. Assim humilhado, reduzido a um despojo tragico, foi forçado a passar á frente das tropas. O official gritou, como um animal ferido, quando viu calçadas aos pés as suas insignias; proclamou a sua innocencia e a sua dedicação á França, e, qual um louco, aos empurrões dos executores, ia cambaleante, mas de cabeça erguida, procurando olhos em que não lêsse desprezo e odio. Mas não achou, em meio da multidão tão grande, um olhar de sympathia e de piedade. A chamada solidariedade social havia feito estancar em todos os corações qualquer movimento generoso. D'ahi o entregaram á justiça civil, que o fez embarcar para os presidios de Cayenna, onde ainda hoje se acha prisioneiro, isolado na ilha do Diabo, com uma alta cerca de moirões por horizonte, e guardado continuamente por onze homens. O nome Dreyfus ficou sendo em França objecto de execração.

A familia do capitão desterrado, emquanto um côro ensurdecido de maldições cobria o nome de Dreyfus, não perdeu a esperança de o salvar e de o rehabilitar; e desde então iniciou

uma tarefa de propaganda em favor a revisão do processo por irregula-



Senador Scheurer-Kestner

ridade judiciaria e erro flagrante de prova. D'esse incessante trabalho, que só pôde merecer o commovido respeito dos corações bem formados, tem resultado a maior e a mais violenta polemica na imprensa franceza, só comparavel em acrimonia á que foi provocada pela questão do Panamá.

Em Novembro do anno ultimo, o sr. Bernard Lazare, no louvavel intuito de defender essa causa, escreveu e abundantemente distribuiu uma brochura relativa ao processo. A imprensa em curtas phrases se referiu a esse opusculo. Verificou-se, após, que Dreyfus não era pobre, que, official estudioso e de futuro, vivia reservadamente, de uma vida burgueza e honesta. Finalmente, tendo adquirido a convicção de um erro judiciario commettido em relação ao condemnado, o senador Scheurer-Kestner, vice-presidente do Senado, solicitou ao ministro da guerra a revisão do processo. O general Billot, recomendando-lhe a mais estricta reserva, pediu quinze dias, ao fim dos quaes, ouvidas algumas auctoridades militares, tomaria uma decisão. O ministro da guerra permanecia mudo, mas alguns officiaes do seu estado-maior, menos discretamente, referiam aos jornaes quanto era firme a convicção do governo, para o qual Dreyfus era culpado. Como se tinha publicado a reproducção de uma nota de remessa (bordereau) de documentos secretos a um funcionario estrangeiro, a qual, pela semelhança da letra, tinha convencido os juizes de Dreyfus, publicou o sr. Bernard Lazare segunda

brochura, encerrando fortes objecções de graphologia e renovando seus argumentos em favor do condemnado. Disseram, então, os periodicos que não fóra o « bordereau » a prova decisiva e que existia outra, esmagadora, irrefutavel, da qual nem o réu nem o seu defensor tiveram conhecimento. O ministro da Justiça, sobre quem o general Billot lançára a responsabilidade da decisão ao pedido do senador Kestner, declarou que para a revisão solicitada seria necessaria, segundo a lei, a producção de um facto novo que invalidasse a sentença... Mas o sr. Matheus Dreyfus, rico industrial alsaciano e irmão do condemnado, em carta ao ministro da guerra, denunciou, de uma maneira firme e resoluta, como verdadeiro e unico culpado, o commandante Esterhazy. Um leve movimento manifestou a opinião publica contra o denunciado.



Presidente do tribunal que condemnou Dreyfus.

O *Figaro*, que tem abertamente tomado a defeza de Dreyfus, publicou algumas cartas do major Esterhazy que revelam a inconsequencia do seu character e a sua immensa leviandade. Além do *Figaro*, combate contra Esterhazy a *Aurore*, de Clémenceau, sendo n'estas duas folhas grandemente censurado o ministro da Guerra. O *Temps* e o *Journal des Débats* resumem imparcialmente os episodios da discussão, que tão longa e irritante tem sido, tomando, ultimamente, uma feição pessoal, como si a imprensa inteira quizesse liquidar contas antigas, satisfazer a rancores não saciados, nascidos de vaidades melindradas ou de interes-

ses feridos. A injuria tem, infelizmente, sido empregada, em vez da linguagem polida e calma, mais convincente e mais vantajosa para qualquer das causas.

Diz-se que as deposições do coronel Picquart, do senador Scheurer-Kestner, do Sr. M. Dreyfus e do commandante Esterhazy não trouxeram ao conhecimento da commissão nenhum facto novo, que, provocando outro processo, promovesse *ipso facto* a revisão do primeiro. A verdade é, no emtanto, que o commandante Esterhazy se viu obrigado a pedir um conselho de guerra e que ainda estamos longe do ponto final d'esta mysteriosa e complicadissima questão. Aos que reclamam a luz sobre as obscuridades da condemnação de Dreyfus, responde-se invocando a auctoridade de sete officiaes do exercito, seus juizes, e vinte e sete outros officiaes, testemunhas no processo, e, forçando-se talvez a boa comprehensão da justiça, exclama-se : « Ne touchez pas à l'armée! »

Aquelles que assistem á lamentavel contenda que se trava na imprensa, esperam a luz, que sempre se reclama nos casos tenebrosos como este.

De toda esta questão o grande ensinamento é que o segredo das deliberações judiciarias, detestavel em si mesmo, muito prejudica o prestigio das sentenças. As razões de ordem publica que poderiam ter justificado esse segredo, não poderiam ser de mais peso do que a justiça que exigia a publicidade. A perigosa agitação que hoje se manifesta, é decerto um inconveniente mais grave do que quaesquer outros que aquella publicidade poderia ter occasionado.



Commandante Esterhazy.

SPORT

UM CIRCO DE AMADOR

Após o incendio que destruiu o seu circo de Pariz, o Sr. Molier partiu para a provincia, onde o seu talento e a sua paciencia têm sido devidamente apreciados. Um estabelecimento con-



Do Sport Universel.

O sr. de Kroutikow com o seu cavallo « Vassika ».

genere ao que funcionou em Pariz, isto é, um circo de amadores, fundou-se em Bordeaux; existe igualmente um na cidade de Amiens. Em relação á França nada mais ha n'esse genero, o qual em toda a Europa conta apenas mais um exemplo, do qual nos vamos occupar. Referimo-nos ao circo de amadores fundado e dirigido pelo Sr. de Kroutikow, em Kiew, na Russia. Não foi por snobismo nem tão pouco por extraordinario gosto pelo sport que o Sr. de Kroutikow se dedicou a esse genero sportivo; elle deve, antes, a sua maneira de vida actual á um incidente. Ha vinte annos, o Sr. de Kroutikow, então muito joven, fez aquisição de um potro de quatro mezes á educação do qual, a titulo de distracção, dedicava algumas horas cada dia. Vassika — tal era o nome do animal, — revelou desde o começo tão viva intelligencia, que, ao fim de pouco tempo, já despertava a admiração de quantos viam a rapidez com que, attendendo ás ordens de seu dono, procurava objectos, saltava, executava passos de valsa, etc., com uma docilidade de um cão amestrado. Aos quatro annos era Vassika um bello cavallo, tão submisso á sella quanto obe-

diente aos exercicios de alta escola. Havendo o seu proprietario deslocado um pé, circumstancia que obrigou o Sr. de Kroutikow a conservar-se durante mezes em uma cadeira de rodas, Vassika se revelou dedicado servidor; encarregando-se, com delicada precaução, de empurrar a poltrona de roldanas, na qual o Sr. de Kroutikow passeiava pelas ruas de Kiew. Esse cavallo phenomenalmente habil ainda vive nas coude-larias do seu dono, onde representa o papel de mentor de seus companheiros. Assim, si nas estribarias dois animaes, como se vê commumente, se mordem ou escouceiam, Vassika, com energico relinchar, attráe a atenção dos homens de serviço. Vassika, que é, a justo titulo, o predilecto do Sr. de Kroutikow, é nascido em Poltava; baio escuro, orna-lhe o pescoço uma bella e espessa crina branca.

Os resultados tão brilhantemente obtidos pelo Sr. de Kroutikow, o decidiram a tentar nova experiencia. Adquiriu, então, Mogoutschy, que, selvagem e indocil, se tornou dentro em pouco tão manso e obediente quanto Vassika. Obezianka, terceiro animal que veiu a possuir, mais indocil do que o segundo, submettia-se, pouco depois, ás exigencias de seu dono com submissa presteza. A esses mais quatro se vieram juntar; e em 1890, o Sr. de Kroutikow, que começára a adoptar por diversão aquelle encargo, sentia necessidade d'aquella vida que se tornava para elle uma profissão. Installou, então, o grande circo que hoje dirige em Kiew, de



Do Sport Universel.

ANTAR.

fôrma octogonal, com uma elegante fachada em estylo russo, e onde se encontram todas as desejaveis condições para um estabelecimento de sua natureza. O solo é coberto de serragem; contem 19 camarotes e 250 espectadores pôdem commodamente caber no espaço reservado ás poltronas, em frente ás quaes se lê a divisa da casa : « Plus je connais les hommes, plus j'aime les animaux. » Á direita, portas conduzem ás estribarias, solidamente construidas de pedra e de ferro, e onde, com todo o conforto, se alinham 32 cavallos. Tendo em vista evitar os perigos de incendio, faz o Sr. de Krou-tikow notar aos seus convidados que na construcção das estribarias só entram o ferro e a pedra, havendo para mais segurança uma cortina de ferro que separa a pista das estribarias. Campainhas electricas, telephone e perfeita ventilação completam as commodidades do circo.

O Sr. de Krou-tikow, que era official do exercito russo, pediu a sua demissão, a fim de consagrar-se inteiramente ao seu prazer predilecto, de que gozou verdadeiramente no dia em que viu executado o seu projecto de installação.

Para fazer-se idéa de sua actividade, bastará dizer que, desde 1891 até hoje, tem educado 250 cavallos de raça. Entre os animaes que possui o Sr. de Krou-tikow, actualmente em numero de 32, convem citar : *Droujok*, chamado o *mathe-matico*, por conhecer todos os alga-

rismos, com os quaes compõe o numero que se deseja. *Veterok* tem por especialidade exercicios de equilibrio. *Mon Caprice* offerece programmas aos espectadores, antes do spectaculo, carregando nos dentes uma cesta. *Riabienki* toca a sineta que annuncia o começo da representação, e, não consentindo que um só espectador se conserve de pé, offerece-lhe nos dentes uma cadeira. *Youtchok* anda sobre garrafas. *Kozyr* salta com a agilidade de uma corça, galgando facilmente obstaculos de 1^m,50. *Antar*, nascido do cruzamento de uma egua japoneza com um *étalon* russo, conhece doze letras do alfabeto, com as quaes sabe compôr palavras á escolha dos espectadores. Este bello animal saúda a assistencia e retira-se da pista, respeitosamente, recuando.

Milly, trotador meio-sangue, tem a aptidão especial de distinguir as bandeiras das differentes nações, mostrando-as á medida das exigencias dos assistentes.

Mahomet, orloff puro-sangue, é o cavallo-borracha, unico no genero de contorsões. *Rathucir*, outro orloff, atravessa arcos de papel e dança. *Movorny*, o gastro-

nomo, é o cavallo-palhaço, devorando tudo quanto lhe trazem os seus companheiros, á guisa de creados. Emfim, um grupo de doze cavallos baios, de côr izabel e reluzentes crinas brancas, os quaes rivalisam em belleza e em habilidade com outro grupo de oito cavallos negros. Entre os numeros mais interessantes do programma, é digno de menção um trabalho de alta escola, executado por um cavallo sem freio, montado pelo dono do circo, emquanto dois outros, em liberdade, reproduzem os mesmos passos que o primeiro.

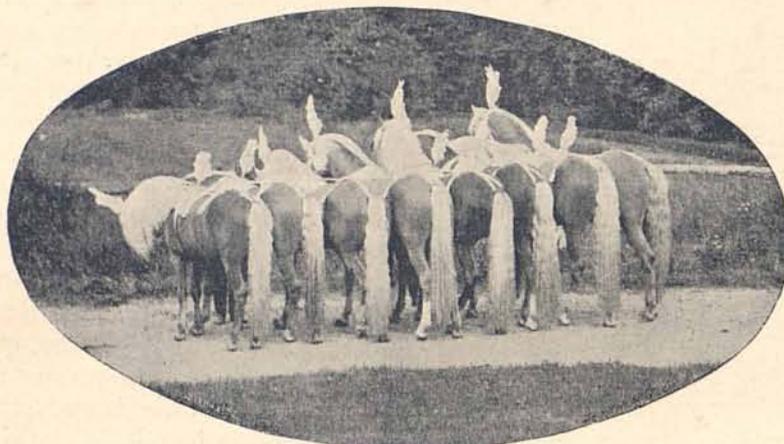
A despeito de todos esses talentos, os cavallos do circo Krou-tikow são atrelados, como os mais vulgares dos seus semelhantes, e desempenham com a mesma maestria esse papel secundario. Quando o circo Molier de Paris deu um spectaculo em beneficio, o Sr. de Krou-tikow, não obstante os onze dias de viagem que tinham de supportar os seus animaes, trouxe a esta capital dez de seus *discipulos*, segundo sua expressão. O trajecto foi penoso, e só a caridade poderia haver decidido o

Sr. de Krou-tikow a impôr tão grande sacrificio a seus obediêntes servidores, que foram em extremo admirados em Paris, onde os jornaes por vezes fizeram referencia á belleza de seus baios e á elegancia e á graça de seus orloffs.

O Sr. Pedro Silvestrovich de Krou-tikow tem actualmente 36 annos; dispondo de uma fortuna consideravel,

goza da independencia necessaria para poder dedicar-se inteiramente ao seu sport favorito. A cada um de seus discipulos, applica — diz elle — um methodo diverso, porquanto attende á raça, á idade, ás disposições naturaes do animal. Entretanto sua longa experiencia lhe permite dar algumas indicações praticas, de ordem geral, em relação ás quaes não faz mysterio, sendo-lhe agradavel iniciar o amator que deseja tentar o mesmo sport. Assim, prefere elle o cavallo das steppes, mais perspicaz, mais intelligente do que qualquer outro. Sua experiencia lhe ensinou igualmente a discernir, em uma simples inspecção, o animal que será apto ou não a submeter-se ás suas exigencias. Quanto á maneira de educar os seus discipulos, dos quaes consegue admiraveis exemplos de docilidade, é feita de paciencia e de brandura. A força physica não intervem jamais, porquanto, affirma o Sr. Pedro de Krou-tikow, são de muito diminuta duração os effeitos obtidos pela violencia e pelo terror.

S. MARCELLO.



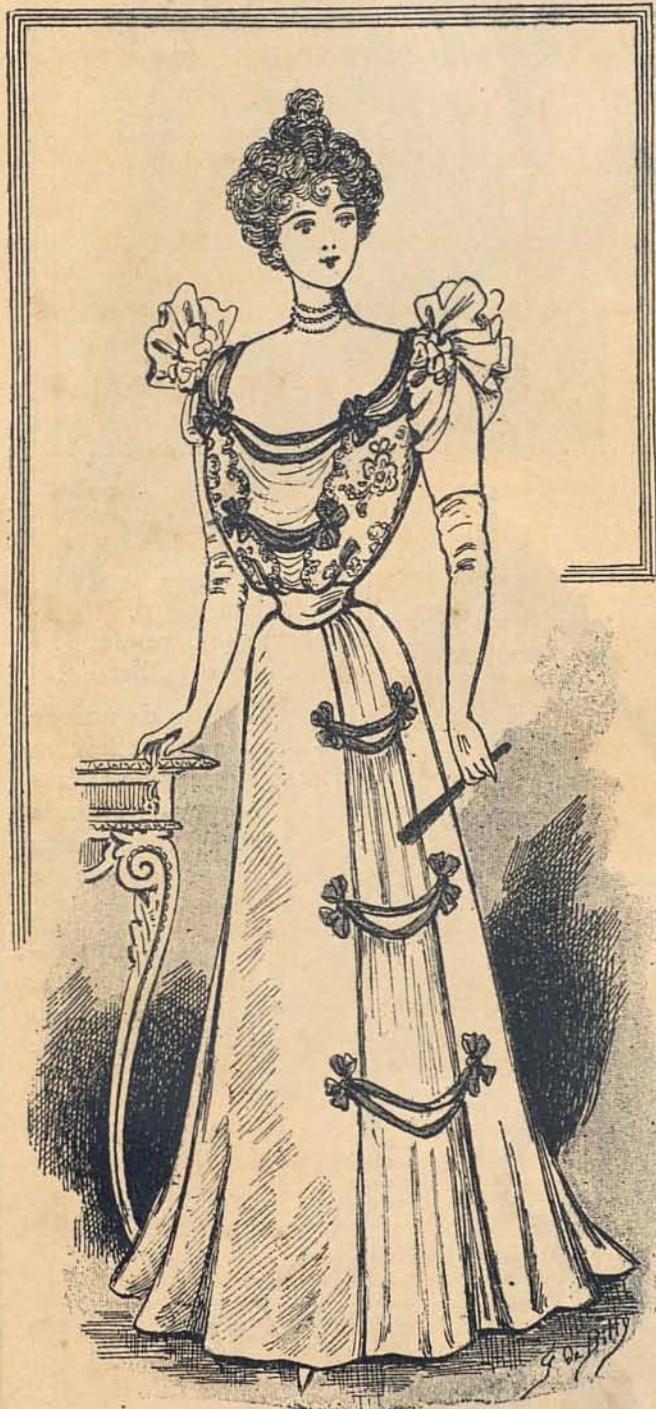
Do Sport Universel.

Os baios dosr. de Krou-tikow.

REVISTA MODERNA

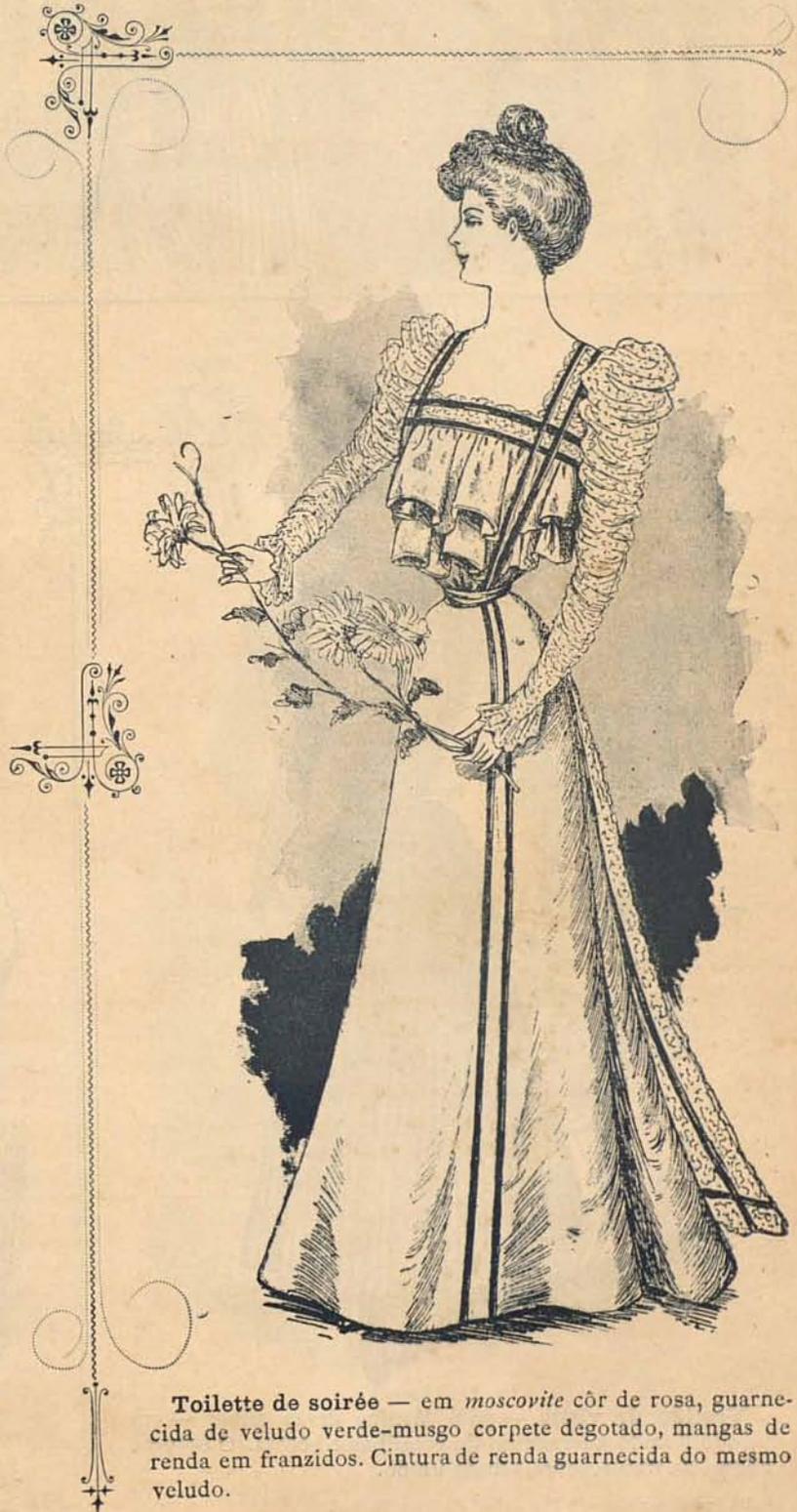
SUPPLEMENTO DE MODAS

~ O Supplemento de Modas da REVISTA MODERNA é um resumo mensal dos melhores jornaes de Modas de Paris. As possas amáveis leitoras, têm assim a certeza de encontrar no nosso supplemento tudo o que a suprema elegancia da Moda Parisiense cria de mais novo e de mais bello.



Vestido de Baile — em seda moirée cor de rosa, com pregas lateraes e alamares de veludo o corpete em musselina de seda apanhado nas costas e preso adeante por alamares de veludo. Degote e tufos de renda sobre os hombros.

Do jornal parisiense : La Nouvelle Mode.



Toilette de soirée — em moscovite cor de rosa, guarnecida de veludo verde-musgo corpete degotado, mangas de renda em franzidos. Cintura de renda guarnecida do mesmo veludo.

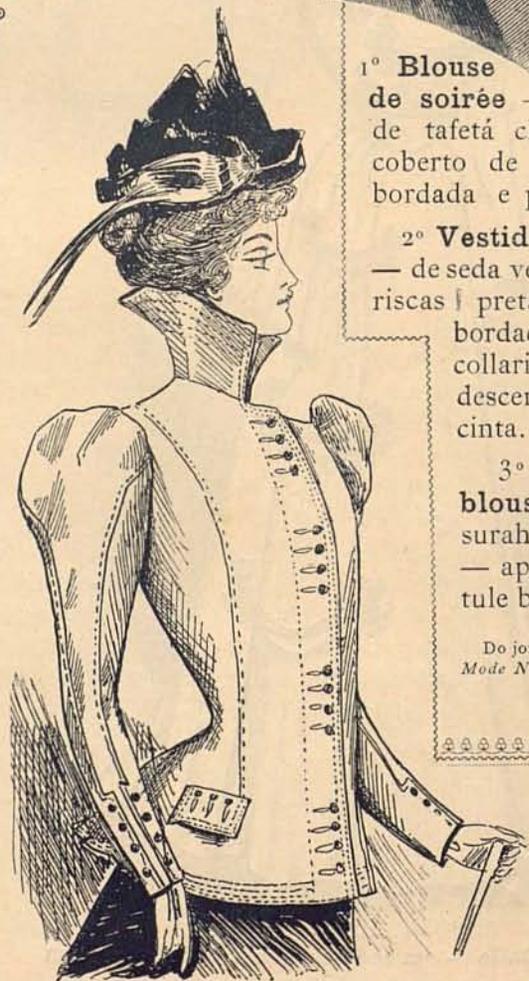


1º Blouse de soirée — de tafetá claro, coberto de renda bordada e palhetada.

2º Vestido de soirée — de seda vermelha com riscas pretas e flôres bordadas. Grande collarinho de renda descendo até a cinta.

3º Corpete - blouse em tafetá, surah ou veludo — applicações de tulle bordado.

Do jornal parisiense "La Mode Nationale".



Vestido de visita — para Menina de 12 annos — em veludo riscado guarnecido de prezilhas e botões. O corpete aberto na frente, sobre veludo unido.

Do jornal parisiense "The Latest Parisien Fashion".

Jaquette em panno havana ornada de largas costuras e pequenos botões phantasia.

Do jornal parisiense "La Dernière Mode".



Vestido de five o'clock em crêpe amarello-palha sobre um transparente de moirée azul — Avental e collarinho bordados de fio de oiro — Mangas de velludo amarello palha.

Do jornal parisiense "Le Journal de la Beauté".



Vestido de crêpe da China cinzento, guarnecido de velludo.

Do jornal parisiense "L'Art et la Mode".



Vestido de soirées — para Menina de 12 annos — Em seda clara com flores sobre velludo verde escuro — cintura e guarnições de tulle bordado.



1º Vestido de casemira aveludada cinzenta e veludo vermelho Herodiade. A saia guarnecida de fitas de veludo de diferentes larguras. — *Corpête-blouse* abotoado ao lado por 3 grandes botões de Saxe. Cintura em metal cinzelado.

2º Vestido Princesa em panno marguerite-reine — Atacado nas costas sob o bolero; applicações de veludo sobre o peito e nas mangas.



Do Jornal parisiense "le Petit Écho de la Mode".

55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

LEUSSEU FILS & C^o

55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

Fabricantes de Armas de Precisão

ESTABELECIDOS EM 1874

Fabrica em Namur
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explorações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

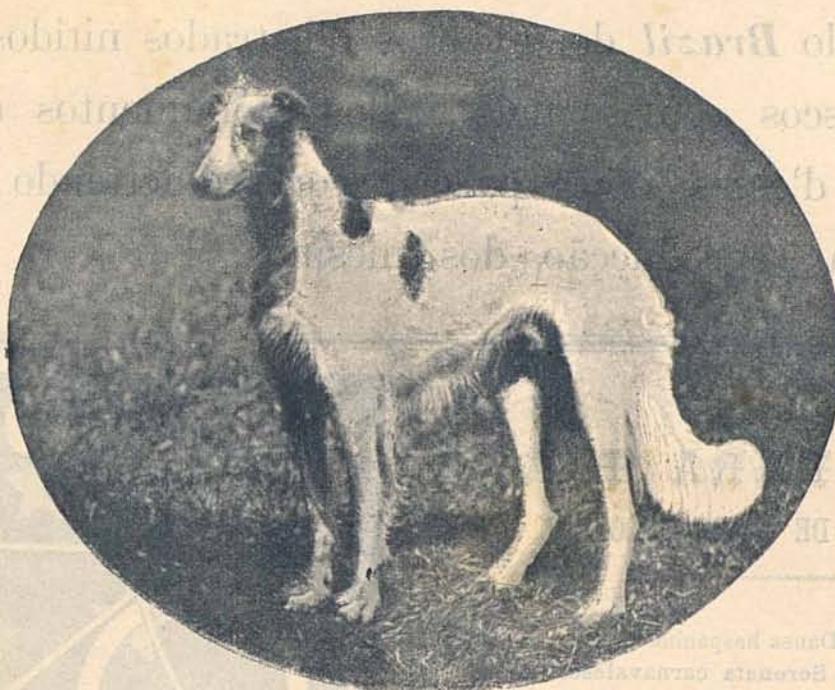
LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes
São-Bernardos
Dogues de Ulm
Carlindogues
Dachshund
ou
Basset



Dinamarquezes
Escuros
e Dinamarquezes
pintados
(1^o premio)
Caes pastores
Wolf-Spitz
e
Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes
Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C^o

Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e inglesa. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & C^o

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

A Revista Moderna

dará um numero especial

DE

NATAL e ANNO BOM com **QUARENTA PAGINAS** de texto
e ilustrações coloridas

“ **A REVISTA MODERNA** ” pede a todos os seus leitores de *Portugal* e do *Brazil* documentos ilustrados nitidos dos logares mais pittorescos e dos mais bellos monumentos e residencias particulares d'esses dous paizes, compromettendo - se a fazer em tempo a reproducção dos mesmos.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCCESO

	LIQ.
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i>	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i>	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE , Aria do bailado nº 1.	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35
MÜLDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70
— <i>Musette et biniou</i>	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa.	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

Sabonete MONKEY BRAND de BROOKE'S



My friends know well my name is BROOKE, but yet on every hand,
In sportive familiarity, I'm called: "OLD MONKEY BRAND!"
And when they see me advertise, in various change of pose,
They smile as they remember that I WON'T WASH CLOTHES!

Sabonete MONKEY BRAND de BROOKE'S

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE MONKEY BRAND FABRICADO POR BROOKE'S

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

MAPLE & C^{IA}

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

Com o capital de dois milhões e quinhentas mil libras

Executa-se com a maxima promptidão todas as ordens recebidas

TOTTENHAM COURT ROAD
Londres

CASA FILIAL EM PARIS, RUE BOUDREAU



Poltrona modelo SHAFTESBURY rica e confortavel em marroquim, para bibliothecas, Clubs, e salas de jantar.

MAPLE & C^{IA}

A CASA FILIAL DE PARIS

Acha-se situada na rua Boudreau

Perto da Opera, no centro de Paris

Exposição permanente de grande quantidade de moveis inglezes, todos de primeira ordem e fabricados por

MAPLE & C^{IA}

O gerente e pessoal da casa de Paris, terão o maior prazer em fazer visitar esta exposição, dando aos interessados todas as informações necessarias quanto á compra e expedição dos moveis que se acham em deposito.



Modelo de Aparador de superior fabricação inglesa

MAPLE & C^{IA}

Rua Boudreau

PARIS

EXPOSIÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM

Mobílias inglezas
Aparadores
Estantes
Quartos de dormir
Gabinetes de Trabalho
Mesas diversas
Poltronas
Sophás
Camas — Cortinas
Tapetes

PRIMEIRA QUALIDADE
Preços reduzidos

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo PANSHANGER rica e confortavel, em marroquim, para salas de jantar, bibliothecas e Clubs.

MAPLE & C^{IA}

Paris

Poltronas

Cadeiras

de

Escritorio

Conversadeiras

Chaises-longues

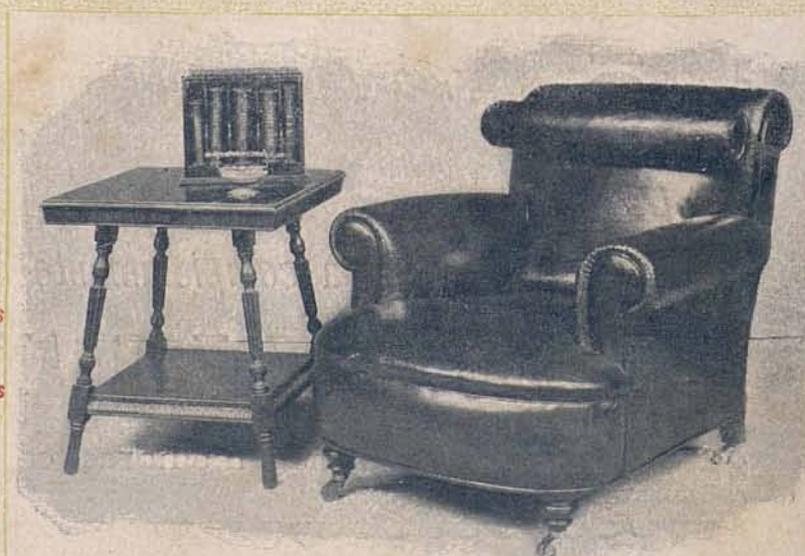
celebres

em

todo o Mundo

MAPLE & C^{IA}

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo WELLESLEY commoda, superior e confortavel, propria para salas de jantar, bibliothecas e clubs.